

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87

# BLUMENAU

# EM

# CADERNOS

Prof. FIORELO ZANELLA  
Caixa Postal, 140  
89190 - TAIÓ - SC

TOMO XXX

NOV./DEZ. DE 1989

Nº.s 11/12

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger



# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

Novembro/Dezembro de 1989

N.ºs. 11/12

## SUMÁRIO

Página

A História da Usina do Salto .....	320
Ytupava .....	323
A Mulher - Personagem chave da Literatura da Imigração alemã em Santa Catarina .....	325
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil .....	329
Subsídios Históricos .....	331
Autores Catarinenses .....	332
A tragédia de Louise Eberwein .....	335
As primeiras paróquias de Itajaí, Gaspar, Brusque e Blumenau ..	356
De volta a São Pedro de Alcântara .....	365
Aconteceu... — Outubro — 1989 .....	378
Dois autores beneficiados com a Lei 7.505 .....	382
Conselho Curador se reúne para ouvir o Secretário do Planeja- mento .....	383
Nossa Mensagem .....	384

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) NCz\$ 20,00 + 5,00 (porte) = NCz\$ 25,00

Número avulso NCz\$ 5,00 — Atrasado NCz\$ 10,00

Assinatura para o exterior NCz\$ 100,00 + 50,00 (porte) = NCz\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L



## HISTÓRIA DA USINA SALTO

A Usina Salto teve sua construção iniciada em 1912, após a liberação de concessão para exploração de luz e força pela Câmara Municipal de Blumenau. A construção foi dada aos empresários Gustavo Salinger, Paulo Zimmermann e Carlos Jansen, os quais receberam o financiamento da Alemanha. A implantação da usina foi efetuada pela firma paulista Bromberg e Haker. Desde 19 de fevereiro de 1909, Blumenau recebia energia de uma usina geradora instalada pelo empresário Frederico Guilherme Busch na localidade de Gasparinho e foi a primeira cidade catarinense a ter iluminação pública. Nesta data foram ligadas 116 lâmpadas nas ruas centrais da cidade.

Quem conhece a obra civil da Usina, se pergunta como os antigos trabalhadores efetuaram esta obra, com os precários apetrechos e maquinários que existiam na época. As grandes peças dos geradores e turbinas das primeiras máquinas fundidas em aço, o transporte, o manuseio, enfim, é de se admirar, pois hoje é tudo mais fácil com a técnica avançada. Na Usina operavam dois transformadores elevadores de 1750 KVA cada, desde 1914, refrigerados à água mediante uma serpentina interna no óleo. Apesar de sua idade (dia 23.12.1989 a máquina I completará 75 anos de operação) ainda hoje tem o mesmo fator de carga, mesmo tendo sofrido uma redução com a transformação da ciclagem, pois sua construção foi para 50 Hz.

Em 1966 esta Usina foi encampada pela Centrais Elétricas de

Santa Catarina S.A. (Celesc). Nesta data as máquinas foram transformadas para gerarem energia em 60 Hz, dando assim possibilidade de operarem em paralelo com o sistema interligado. Geração em 60 Hz se tornou padrão nacional.

A máquina I iniciou a operação da Usina Salto no dia ..... 23.12.1914. Qual não deve ter sido a alegria dos primeiros consumidores, que tiveram, por certo, um natal iluminado não só por velas, mas também por algo desconhecido que foi a energia elétrica.

A máquina II começou a operar no dia 12.05.1915. No início, a potência exigida foi insignificante, dado ao lento desenvolvimento industrial na época.

Após a construção de linhas para regiões mais distantes elevou-se o consumo. Em abril de 1929 entrou em operação a máquina III. Nesta época já haviam sido construídas as linhas de transmissão para os municípios mais distantes: Itajai, Brusque, Ibirama, Rio do Sul, Jaraguá e outros.

No dia 26.02.1930 foi ligada pela primeira vez a linha interligadora Salto-Jaraguá-Joinville. Esta linha permitia um intercâmbio de energia entre duas concessionárias: Empresa Força e Luz de Santa Catarina S.A. com Empressul. Esta última explorava com seus serviços a região do norte do Estado, com sede em Joinville.

No dia 01.04.1939 iniciou a geração da máquina IV, com o dobro da potência em relação às outras. Esta etapa final elevou a



potência da Usina para 6.800 Kw, ficando até março de 1949, quando então entrou no sistema do Salto a nova Usina do Cedros, construída também pela mesma empresa, surgindo assim uma nova fase de engrandecimento para o Vale do Itajaí-Açu e Mirim.

Até 1949 a Usina Salto atendia toda a demanda do Vale do Itajaí-Açu e Mirim: 6.800 Kw. Toda distribuição de energia era através das Barras da Usina .. (24,5 Kv), da qual saíam quatro linhas para as cidades mais distantes. A cidade de Blumenau era atendida através de quatro linhas da Barra 8,5 Kv, vindo diretamente das máquinas. Hoje são necessários 300.000 Kw para atender esta demanda.

Tempos difíceis se sucederam, pois a Usina Salto opera a fio d'água e qualquer alteração no nível do Rio Itajaí-Açu, abaixa a potência da mesma, chegando a zero em grandes enchentes. Mesmo em épocas de estiagem a Usina sofre, reduzindo a produção por falta de água.

As quatro barragens existentes para a bacia não servem para acumular água, mas sim para manter a queda necessária para a Usina. Na barragem maior, no lado da ilha, haviam quatro comportas que serviam para abaixar o nível da bacia em casos de enchente, de serviços nas barragens ou nas grades da entrada do canal. Estas comportas foram arrancadas com a enchente de .. 17.05.1948. Posteriormente o vão aberto foi concretado como barragem. A queda normal não deve ser inferior a dez metros. Para se ter uma idéia em casos de cheia, o nível à jusante da Usina cresce quatro vezes mais,

que o nível à montante, dado o represamento de água por estreitamento do canal natural do rio na jusante. Se em cheias a queda reduzir a seis metros, o rendimento chega a zero e as quatro máquinas deixam de produzir. Daí o grande problema: o racionamento total. O consumidor tinha de aguardar a normalização do nível para obter energia novamente.

As cheias no rio Itajaí-Açu, se repetem todos os anos. Motivo este que levou os proprietários a interligar o sistema com outra empresa, mantendo assim um intercâmbio de energia para minimizar o racionamento. O racionamento, em certas épocas, chegava a tal proporção, que o consumidor recebia apenas seis horas de energia por dia. O crescimento do Vale do Itajaí foi em muito prejudicado com a escassez de energia elétrica. Grandes indústrias queriam se estabelecer no Vale na década de 1950, mas o mercado de energia não oferecia condições. O que só aconteceu com o término da terceira usina da Empresa Força e Luz Santa Catarina S.A. Usina Palmeiras e posteriormente a encampação desta sociedade pela Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A.

Em 1920 indústrias paulistas tinham comprado a Força e Luz e transformaram-na em Sociedade Anônima com sede na cidade de São Paulo. Os ex-proprietários continuaram como sócios. Em 1924 empresários catarinenses (especificamente blumenauenses) compram de volta a Força e Luz e transferem novamente a sede de São Paulo para Blumenau. Nestas alturas a empresa alcança 120 km de linhas



de alta tensão, atendendo a 158 consumidores de força, 1430 consumidores de luz e ainda a iluminação pública de ruas e praças nos municípios de Blumenau com os distritos de Gaspar e Indaial, além de Brusque e Itajaí.

A Usina Salto, hoje em dia, quase desaparece no cenário catarinense, mas ainda tem uma valiosa contribuição na produção própria da CELESC.

No ano de 1975 sofreu uma reforma no seu equipamento de subestação. Disjuntores foram substituídos por mais modernos, uma vez que os disjuntores instalados no início não suportavam mais a potência de ruptura, dado o aumento da corrente de curto circuito nas barras com a interligação de outras usinas. O sistema de proteção foi substituído por um mais moderno. Dois transformadores elevadores de 1750 KVA, refrigeração à água, foram substituídos por um novo de 5000 KVA. As turbinas com os geradores ainda são as mesmas.

A tensão dos geradores é 8.500 volts e é elevada para 24.500 volts, através de três transformadores: um de 1.750 KVA (desde 1934), outro de 2.000 KVA (1949) e o mais novo de 5.000 KVA desde 1973.

As quatro máquinas necessitam de um total de 100m<sup>3</sup> de água por segundo com a queda de 10 metros para tirar a potência máxima de 6.300 Kw, hoje com 60 Hertz. A água é conduzida através de um canal aberto que

tem um comprimento de 50 metros e uma largura média de 15 metros, profundidade de 4 a 7 metros.

A água potável para abastecimento de Blumenau, em parte é retirada do canal adutor da Usina e levada por desnível através de uma tubulação de concreto até a estação de tratamento do Samae.

No ano de 1983 a Usina Salto ficou paralisada com seus quatro geradores. Dia 9.07.1983, a primeira grande enchente que a usina sofreu, as águas invadiram a casa das máquinas, atingindo a altura de 1,20m sobre o piso. Os geradores 1, 2, e 4, além da parte mecânica como regulador, bombas e mancais, também foram atingidos em 60%. Toda instalação elétrica que se achava instalada sobre o piso à altura de 1,20 metros, foi atingida. Os antigos livros de registros, bem como os diários, foram destruídos. Ambos haviam sido arquivados no porão. Por se achar mais no alto o gerador 3 não foi atingido. A parte mecânica foi recuperada em oito meses e voltou a funcionar novamente.

A Usina foi construída para suportar enchentes como a de 1911, que segundo dados empíricos atingiu 20 metros no local da Usina, isto é 1,40 metros a mais do que a de 1983, que foi de 18,60 metros.

Dia 08.08.1984 nova enchente 15 cm mais alta que a de ano anterior. A vedação da Usina

**TEKA** É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauerse. Seus produtos de mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis de mais alta qualidade.



não resistiu e a infiltração foi grande.

Todo equipamento da Usina foi importado da Alemanha por via marítima até Itajaí e depois embarcado em lanchas até o porto da extinta Estrada de Ferro em Itoupava Seca. Colocado em vagões foi assim transportado até o cruzamento da estrada com a Usina. De lá até a Usina foi levado em carroças apropriadas puxadas por cavalos.

Na década de 30 houve um movimento emancipacionista de cidades no médio e alto Vale do Itajaí-Açu e o operador da Usina Salto, Sr. Hermann Herbst, foi sequestrado. Por volta das 21h houve invasão da Usina por elementos mascarados e armados, que obrigaram o operador a desligar as máquinas e levaram-no logo após para um local desconhecido, onde foi solto num ma-

tagal em Salto Weisbach. O próximo operador de turno chegou as 22h e encontrou a Usina às escuras, pôs as máquinas em movimento, enquanto o operador sequestrado fazia a jornada de retorno à Usina a pé, onde só chegou às 23h para contar o acontecido.

Em tempos passados, os operadores se deparavam com bois e animais selvagens, pela falta de uma cerca de proteção no acesso da Usina. Pessoas alcoolizadas se perdiam e paravam também na Usina.

Comigo mesmo aconteceu de dar de cara com uma mulher de cor, portadora de deficiência mental, em plena 1h30min da madrugada. Imaginem o susto!

Fritz Maller

Funcionário da Usina Salto de  
1948 a 1984)

## YTUPAVA

(Por Hermes Justino Patrianova, Autor do "PEQUENO LIVRO" e de "TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA", ainda inédito, por falta de sorte).

Blumenau é cheio de YTUPAVA(S) por toda parte. Itupava, Itupava Seca, Itupava Régia (Rega), Itupava Central, Itupava Norte, Itupava disso, Itupava daquilo... Jamais se viu, em outro Município, tamanha quantidade de Itupava! E todas as Itupavas de Blumenau, que é uma Cidade das ditas alemães de Santa Catarina, foram, se não nomeadas, pelo menos escritas por pessoa ou pessoas conhecedoras da Língua Francesa, por isso que o blumenauense escreve e pronuncia **Itoupava**, em vez de **ITUPAVA**, como soi ser pronunciado em Português e Carani, este que foi corrompido para **Guarani**. O termo, que é indígena, se diz em Tupi antigo — **Itupáua**; em Tupi moderno — **Itupaba**; em Carani (ou Guarani) — **Itupava**.

Em Português, se usa o termo em Carani — **Itupava**, porque foram os Índios Carijós, de Indaial, da **Taba** da Ilha do Carijo, Índios Caranis apelidados de Carijós que puseram nomes em tais Pequenos Saltos.

Quando Ispetor de Coletorias Estaduais, passamos por Blume-



nau e sua Região, entre 1941 e 1944, ouvimos, em Pomerode, que ITOUPAVA SECA era uma boa madeira ali existente e que havia secado...

A ética e o chamado "princípio de educação" impediram-nos da resposta ao nosso informante que, de qualquer maneira, não nos compreenderia e muito menos, a nossa explicação, pois que o respeitável senhor pouco falava em português, assim como nós não estávamos na altura de compreender o seu alemão.

Agora, porém, que temos ao nosso alcance a benesse das colunas desta magnífica Revista "Blumenau em Cadernos", por cujas páginas podemos ajudar a levar a verdade e a cultura (tão queridas dos blumenauenses), a todos os brasileiros e até mesmo aos seus leitores estrangeiros, tomamos a liberdade de explicar a origem da palavra ITUPAVA (de Ytupava), que foi escrita em Francês — ITOUPAVA e se pronuncia como se escreve em Português — ITUPAVA.

Sua origem é Carani, Dialeto da Língua Tupi, que veio do Tupi Antigo — **Itupáua**, para o Tupi moderno — **Itupaba**, desaguando no Carani — **Itupava**, que também significa "pequeno salto", "corredeira", ou "obstáculo que faz a água regurgitar...", proveniente da seguinte composição:

Y (Água, Rio) +

TUIA igual TUI' igual TU' (Regurgitar, transbordar, extravazar, saltar) =

YTU (Cachoeira, Salto, Corredeira) + PABA (Tupi), PAUA (Tupi antigo), PAVA (Carani) (Parar, acabar, morrer, fim, impedimento, obstáculo, obstaculizar) =

OBSTÁCULO QUE FAZ A ÁGUA TRANSBORDAR igual IMPEDIMENTO QUE OBRIGA O RIO A REGURGITAR igual YTU (Salto) + PAVA (Impedimento, obstáculo) igual Y T U P A V A igual I T U P A V A.

\* \* \*

É de observar-se que, em todos os lugares chamados Itupava, existe um Salto, uma Cachoeira ou uma Corredeira, formada por uma taipa de pedra atravessada no Manancial, que lhe dá o nome de Itupava, pela qual os Índios chegavam à margem oposta, usando-a como ponte, sem grande perigo.

ITAIPAVA é quase a mesma coisa, composta de

ITÁ (Pedra) +

Y igual I (Água, Rio) +

PAVA (Obstáculo, obstaculizar) igual

OBSTÁCULO DA ÁGUA PELA PEDRA igual QUE OBSTACULIZA A ÁGUA PELA PEDRA igual ITAYPAVA igual ITAIPAVA (PEQUENO SALTO, CACHOEIRA) igual ITAIPAVA, um pouco menor que a ITUPAVA, cuja pronúncia correta é ITUPAVA, uma vez que o nome foi tirado do Dialeto Carani (corrompido para Guarani).

Quem pensava que Itupava era uma espécie de madeira, estava enganado. ITUPAVA É UM SALTO!

**BIBLIOGRAFIA** — "Topônimos Brasileiros com Tradução dos de Origem Indígena", do mesmo Autor.



# A MULHER - Personagem chave da Literatura da Imigração alemã em Santa Catarina

Prof<sup>a</sup>. Valburga Huber

A Literatura em língua alemã — também chamada Literatura teuto-brasileira — teve suas manifestações mais significativas nos estados do sul com destaque ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Desde os primórdios houve entre as levas de imigrantes alemães intelectuais de portes diversos, responsáveis pela divulgação da cultura nas colônias e também em alguns centros urbanos. Esta Literatura teve seu apogeu no final do século passado e primeiras décadas deste século, pois, absorvidos pelo trabalho de fundação e desenvolvimento das colônias alemãs, os imigrantes só tiveram maior disponibilidade para escrever mais intensamente décadas depois de sua chegada, época em que encontraram maior público leitor.

Os meios de divulgação desta Literatura são: Almanques, (os famosos "Kalender") jornais, revistas e, em menor escala, livros. Estes constituem, portanto, as fontes primárias de pesquisa do assunto, ao lado de estudos e levantamentos feitos sobretudo por autores alemães.

A 2<sup>a</sup>. Guerra mundial marca o término desta expressão cultural de um grupo étnico, pois, com a proibição do idioma alemão e o fechamento das Escolas alemãs foi, conseqüentemente, proibida qualquer manifestação cultural nesta língua. Isto só voltou a acontecer anos mais tarde, em publicações esparsas sendo que,

passando por uma ligeira fase de bilinguismo, a imigração voltou a ser tema literário predominantemente em português (na prosa). Na Lírica houve manifestações importantes ainda em alemão, mesmo depois deste período. Na região do Vale do Itajaí, é interessante aqui salientar, houve recentemente um resgate do tema da Imigração alemã nos romances da escritora blumenauense Urda Klüger, agora, naturalmente em português, tendo o mesmo tema sido abordado em filmes.

Estilisticamente essa Literatura é uma herança alemã e guarda formas adquiridas antes da imigração, sendo o material narrativo constituído pela própria imigração, pelas colônias, pelas impressões, reações, memórias e reflexões unidas pelo "Eu" do escritor. Temas humanos e filosóficos são também abordados pelos descendentes alemães principalmente. Nesta Literatura há o brilho individual de cada escritor. Não houve uma escola literária. Na realidade, os escritores sofreram quase sempre um duplo isolamento: do Brasil — já pelo idioma em que escreviam — e da Alemanha pela distância geográfica.

A TEMÁTICA desta Literatura — o seu "Leitmotiv" — é a imigração como ato, fato e aventura. Como experiência única, profunda e marcante, ela significa um corte, uma censura na vida



individual e social da pessoa. As reações a esta experiência constituem a maneira de sentir e ser — a sensibilidade, a espiritualidade — do teuto-brasileiro. O escritor é o porta-voz desta experiência e a compartilha com o público através de uma literatura própria, especial. Nela, o escritor e o leitor se identificam pelo "PATHOS" (do grego: sofrimento, trauma, ruptura) da imigração — segundo Werner Aulich, grande estudioso deste assunto. É a força do "pathos" que torna uma personalidade escritor, pois é ele que a para, transforma as características européias e esta metamorfose se manifesta por mudanças poéticas, por uma Literatura específica da qual a Lírica é a melhor expressão. É Werner Aulich que afirma também que a repercussão reduzida desta literatura na Europa se deve também as particularidades poéticas determinadas pelo "pathos" da imigração, algo distante e muitas vezes ininteligível para os que não o viveram.

Como sub-temas — tanto da lírica como da prosa — temos: civilização x primitivismo (os índios tem aqui papel de destaque); velha pátria x nova pátria e, subjacente a tudo, já imanente no processo Emigração — Imigração — como partida-chegada, término-começo, velho-novo — está o DUALISMO. Há sempre o jogo de duas realidades: Europa e América; passado e futuro; saudade e esperança. O imigrante é um homem de dois rostos: um voltado para o passado e o outro para o futuro e também um homem de duas almas: uma repleta de saudade, nostalgia e a outra de esperança. Há uma oscilação en-

tre as duas características do alemão — em última análise, de todo ser humano — ou seja: a "Heimweh" (nostalgia da própria terra) e a "Fernwen" (a ânsia de conhecer o longínquo, o futuro). Esse dualismo transparece já nos nomes das poesias de autores "alemães-catarinenses" importantes (geralmente professores das escolas alemãs ou ligados a Imprensa teuto-brasileira). Entre as poesias de Victor Schleiff: "Alte und neue Heimat" (Velha e nova pátria); "Heimweh" (Saudade); "Reminiscere"; de Georg Knoll: "Erinnerung" (Lembrança); "Teuto-brasilianer"; de Rudolf Damm; "Die Pioniere" (Os pioneiros); "Deutsche Worte, deutsche Weisen" (Palavras alemãs, melodias alemãs); "Mein Vaterhaus" (Minha casa paterna) ou ainda, de Ernst Niemeyer: "Den Deutschen in der Fremde" (Aos alemães em terra estranha) entre outros.

A oscilação entre dois universos geográficos e culturais, vivenciando um dualismo em todas as dimensões é a realidade do imigrante que, no seu processo de assimilação, experimenta uma fase conflituosa em que se situa no limite das duas culturas, numa posição marginal e com dupla consciência. Na afirmação de Emilio Willems — outro grande pesquisador da Imigração alemã no Brasil — "O imigrante se olha em dois espelhos, sente-se ligado a dois juízos coletivos. Daí suas atitudes contraditórias, sentimentos e atitudes ambivalentes". Mas é essa dualidade que também o enriquece e lhe dá força para recomeçar, construir um novo mundo. Toda esta problemática é expressa magnificamente na



prosa-romances e contos principalmente — a maioria de autoria feminina (na região do Vale do Itajaí que analisaremos mais detalhadamente). O desejo de preservar inicialmente o “Deutschum” (Patrimônio cultural alemão) e mais tarde o “Deutsch-brasiliabertum” (Patrimônio cultural teuto-brasileiro) aparece tanto na literatura como na Imprensa da época. Foram as duas Guerras mundiais que trouxeram à tona a conscientização desta dualidade (que para os alemães, já pelo seu critério sanguíneo de determinação da nacionalidade não é uma contradição) e a “nacionalização” trouxe conflitos, traumas e sofrimentos ainda não totalmente superados nas regiões de colonização alemã. Também estes aspectos são abordados na literatura teuto-brasileira, mas de uma maneira velada e discreta.

Em Santa Catarina, esta Literatura chama a atenção imediatamente — sobretudo na região de Blumenau — pelo número marcante de mulheres escritoras que dominam o cenário literário. A MULHER é não só a grande figura como escritora mas também personagem chave desta literatura, sobretudo na prosa. Entre as personagens mais comuns temos: o imigrante, sua mulher, seu filho e, em escala menor: o luso-brasileiro, o índio, o africano e imigrantes de outras etnias. O imigrante é retratado com seus sonhos, sucessos e fracassos e em torno do filho do imigrante giram as preocupações quanto à manutenção da cultura ancestral e também quanto à sua aceitação na nova sociedade. A mulher surge como a protagonista central na preservação da nacionalidade

e cultura alemãs e na formação da nacionalidade brasileira, no desenvolvimento do amor pela nova pátria, o que ela faz através da tradição oral, contando estórias e contos de fadas, reminiscências e cultivando o canto, entre outras coisas. Ela é a companheira incansável e mesmo a mulher “colona”, por vezes amarga ou desencantada, tem como traços de personalidade a dedicação, a persistência, a confiança de que seu sacrifício vale a pena.

Santa Catarina, estado caracterizado por sua pluralidade étnica — residindo aí possivelmente a sua identidade — tem nas duas cidades de origem alemã também uma literatura em língua alemã condizente com o progresso econômico destas comunidades. Embora Joinville tivesse o primeiro jornal (o popular “Kolonie Zeitung”) Blumenau teve também 2 jornais em língua alemã que — ao lado dos almanaques catarienses e gaúchos — eram veículos da literatura Teuto-brasileira desta região (“Blumenauer Zeitung” e o “Urwaldsbote”).

Viveram e escreveram em Blumenau vários escritores dos quais podemos destacar: **Gertrud Gross Hering** (autora de mais de dez romances) e sem dúvida a mais representativa desta literatura na região; **Emma Deeke** e seu marido Jcsé Deeke e **Therese Stutzer**. Nos romances e contos destes autores é a imigração o tema central e são comuns as antinomias: Selva x cidade; amor x dever; alemão x luso-brasileiro e teuto-brasileiro (o descendente) x alemães natos (chamados pejorativamente de “Neudeutsche”, ou seja, “alemães novos”. Outros traços típicos são: pioneirismo dos



alemães; descrições das colônias valor da propriedade, liberdade, vida social, virtudes como persistência, paciência e solidariedade, entre outras. São estas características que aparecem nos romances e contos que trazem, significativamente, nomes de mulheres: "Marie Luise" (de Therese Stutzer); "Elise Lingen" (de Gertrud Gross Hering) "Der Weg der Frau Agnes Bach" (também desta última) e aqui acrescentamos "Liebe und Pflicht" (Amor e Dever) (de Emma Deeke) cuja protagonista central é também uma mulher. Estas personagens às vezes são cópias, disfarces, transposições, mas todas já acrescidas dos dados da imaginação do escritor. São dualistas, conflituosas, oscilam entre dois mundos mas em todas há a noção clara do dever — que está acima do amor — e esta noção está ligada ao futuro, ao que há para construir, apesar da saudade ou decepções. Nos romances e contos citados, o amor se identifica com a pátria de origem geralmente, mas também pode ser a segunda pátria — raramente — pois a esta se está mais unido pelo dever. Amar, aqui é mais que a admiração por sua beleza, exotividade, é fruto de convivência, da harmonia, uma conquista lenta, portanto, e é essa atitude que é ensinada aos filhos. Igualmente entre os escritores teuto-brasileiros da região de Joinville e S. Bento destaca-se uma grande escritora,

poetisa e historiadora: Elly Herkenhoff. Ao lado de Ernst Niemeyer e Wolfgang Ammon, forma o grupo de escritores mais expressivo.

A viagem aparece em todas estas criações — para o Brasil ou no Brasil — como símbolo da busca de um novo mundo e de uma nova vida. Trata-se de uma manifestação tardia do romantismo seja na temática (imigração como grande aventura), seja do estilo (que alcança seus melhores momentos nas descrições de um ser dividido e da natureza exuberante aqui encontrada e ainda na linguagem: simples, popular, próxima do povo. (com uso esporádico de dialetos). O sentimento íntimo que anima esta Literatura é dividido, o dualismo está no seu cerne.

O regional torna-se aqui universal no sentido de que o imigrante é protótipo do ser humano — nômade e migrante na sua essência — e a imigração torna-se metáfora da vida humana — eterna viagem, busca, procura da completude.

---

(Comunicação baseada na Dissertação de Mestrado: "SAUDADE e ESPERANÇA — O Dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura").

**CREMER** Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.



## AS PREVISÕES FUTURAS PARA A INDÚSTRIA DE MÁQUINAS NO FABRICO DE LATICÍNIOS NO SUL DO BRASIL

CONSELHOS PRÁTICOS E EXPERIÊNCIAS COLHIDAS, NUM VALIOSO TRABALHO DE EUGEN KIESEH, TÉCNICO NO FABRICO DE LATICÍNIOS E AGRICULTURA, "PERGUNTAS PARA O FUTURO" — EDITADO EM BLUMENAU EM 1918, IMPRESSO NA TIPOGRAFIA BAUMGARTEN.

(Continuação)

Dentro de meio ano esta lei entraria em vigor e até então nós deveríamos ter transformado nossa fábrica num moderno estabelecimento. Em Blumenau admiravam-se de que nenhum passo para a modernização estava sendo dado. — O que vai acontecer com nossa manteiga, se de um dia para outro o preço baixasse? — perguntavam os receosos políticos. — Para que temos uma fábrica que nos custa tanto dinheiro e é supermoderna?

Mas, em primeiro lugar, não é possível deixar que todos fiquem olhando por trás do pano; em segundo, é que aqui a palavra "divisa" era "Paciência".

Aposto que no mundo todo exista outra pessoa que tenha tanta paciência como o brasileiro. Este *genius loci* é às vezes maravilhoso e proveitoso e, assim, também seguimos a fórmula dada.

Que é impossível em todo o país preparar centenas de fiscais que desde o norte até o sul pudessem fazer a fiscalização. Para isso não haveria pessoas suficientes, tanto para o trabalho como professores que os pudessem preparar. Existências parasitárias proliferavam muitas, mas estas só poderiam ser colocadas em posições onde não envergonhariam ninguém. Com lástima os

senhores do Ministério de Agricultura teriam que procurar melhor material humano para a fiscalização da manteiga.

O emprego da lei da manteiga em seu sentido geral, justamente agora, era uma utopia. Mas o prestígio da força estadual também tinha que ser preservado e, desta forma, tiveram a genial idéia de restringir a fiscalização ao mercado do Rio. O policiamento relativo à fiscalização alimentícia foi aumentado em alguns homens, enquanto que a fiscalização química, por ora, não tinha nada a fazer, e, assim, poderiam começar.

É em verdade um enorme sem sentido, mas era preciso mostrar boa vontade aos senhores senadores. Mas, no momento, ao entrar em vigência a lei, também ficamos de sobreaviso e à espera do que viria. Mas, igualmente, estávamos interessados na lei, bem como àqueles que a deveriam controlar. Sabíamos que nosso amigo senhor "X", antigo amigo, tinha lembrado Blumenau e, em especial na elaboração da lei e no emprego da mesma.

Também aqui podemos verificar o inimaginável atrevimento do senhor "X". Primeiro nos prejudica para apoiar as fábricas mineiras; depois, ao apoiar as leis,



esperando com isto obrigar desta forma Blumenau a aceitar suas exigências em planos futuros.

Mas nossa paciência foi logo posta à prova, quando recebemos a notícia telegráfica de que nossa manteiga não correspondera às exigências da lei e que por este motivo era retirada do mercado e inutilizada. Além disto, a marca que ainda encontrava no comércio estocado seria retirada pela força policial e também inutilizada. Falava-se num prejuízo de cerca de 70 contos de réis.

Agora o telégrafo entrou em ação e depois de muitos telegramas daqui para lá e vice-versa, conseguimos que a manteiga fosse devolvida a Blumenau.

Por coincidência, a mesma firma prejudicada era aquela que se mostrara dura com referência às exigências do senhor "X" e politicamente não se envolvera.

Veio então a guerra e com ela a falta de manteiga francesa. Minas Gerais dominava no Rio e em São Paulo, enquanto que nós também tínhamos boa procura do produto. Com o aumento da fábrica de produtos alimentícios, as leis deixaram de ser aplicadas, reinando uma paz geral. Mas o senhor "X" não estava satisfeito com a situação. Mas em vão era filho de imigrantes vindos há sessenta anos passados, e ele tinha ainda até agora a assiduidade, perseverança e força de vontade. Ele uniu estes predicados por várias vezes para conseguir pôr em suas mãos o negócio da manteiga blumenauense. A sua influência sistemática, é realmente interessante.

1ª. tentativa — Grande propaganda nos jornais locais para a

centrífuga "Aranha". Resultado: nulo.

2ª. tentativa — Empregar um comprador de manteiga que mediante a promessa de elevação de preço, alcançaria bom mercado. Resultado: não aceitação e revolta dos exportadores e, breve término.

3ª. tentativa — Proposta de compra da fábrica para a formação de nova sociedade. Resultado: nulo.

4ª. tentativa — Exigindo a venda da fábrica em hasta pública pelo preço de trinta contos de réis.

5ª. tentativa — Nova intriga junto ao Governo e através de jornais, contra a manteiga blumenauense, resultando na venda de quantias irrisórias.

Neste meio tempo, o congresso catarinense é aberto e neste foi debatido as leis da manteiga, considerando-as demasiadamente rigorosas. E isto por não se poder comparar o produto daqui com o de um outro produzido nos grandes centros, como São Paulo, Rio e Minas Gerais. A exigência a que se refere a porcentagem de gordura de 80%, havia sido cumprida, mas nos meses de verão isto seria totalmente impossível. Além de tudo, nem na Alemanha existia uma lei que regulamentasse o grau de ácidos acima de qualquer limite. O governo estadual chegou a conclusão de que alguns itens eram por demais rigorosos e pediu-se uma revisão para reajuste.

Mais depressa do que pensávamos, esta revisão aconteceu. Não devido a super oferta de manteiga, mas sim, o aumento da crise econômica nos grandes



centros. Comércio e indústria estavam ameaçados por falta de matéria prima. Demissões aconteciam ou redução de salário de

30 a 50%. Estes os fatores que fizeram com que a procura da manteiga decaísse.

(Continua no próximo número)

## Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhof

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

**Notícia de 9 de novembro de 1867:**

O BRASIL NA EXPOSIÇÃO MUNDIAL DE PARIS (Continuação) — Na mesma sala, ao lado das vitrinas contendo as matérias primas, a verdadeira riqueza do Brasil, encontram-se outros armários, mostrando ARTIGOS MANUFATURADOS, como sombrinhas, chapéus, instrumentos óticos, calçados, etc. Teria sido melhor se o Brasil não tivesse enviado tais artigos, pois por melhores que sejam, os seus preços elevados os excluem dos mercados europeus e por mais oportuna que a sua presença tenha sido na Exposição do Rio de Janeiro na Exposição Mundial de Paris eles estão fora de propósito. Ninguém na Europa se lembrará de mandar importar tais artigos da Bahia ou do Rio de Janeiro. Aliás, é preciso reconhecer que os couros envernizados e os marroquins da Exposição Brasileira, podem igualar-se aos melhores produtos originários de outros países. O mesmo se pode afirmar das FOTOGRAFIAS. Uma vista fotográfica da baía do Rio de Janeiro ali exposta, é perfeitíssima, não deixando nada a desejar. O CAFÉ ocupa, naturalmente, o lugar de honra na Exposição Brasileira, as amostras são numerosas, bem escolhidas, e de todas as espécies cultivadas. É sem dúvida, a coleção mais completa. Embora existam amostras melhores nas exposições das colônias francesas e portuguesas, o Brasil se destaca no que diz respeito à quantidade e à diversidade do produto. Além disso, é de conhecimento geral, que só o Brasil fornece mais da metade do café anualmente consumido no mundo inteiro. O AÇÚCAR, ao contrário, dificilmente poderá ser elogiado, neste particular o Brasil está muito aquém das colônias inglesas e francesas. Os TABACOS são melhores. As amostras, no entanto, não são numerosas — o que é de estranhar num país com tamanha produção de fumo — mas são bem escolhidas. O tabaco preto do Pará, acondicionado em rolos com invólucro de junco, tem um sabor especial e os charutos manufaturados com esse produto, são muito elogiados pelos entendidos, assim como os charutos envolvidos em palha de milho, oriundos de São Paulo, gozam de grande apreciação. O Brasil pretende provar também que produz CEREAIS, mostrando uma coleção de vidros com GRÃOS DE TRIGO, CENTEIO, AVEIA, CEVADA.



No entanto, são apenas amostras inexpressivas, quando se desconhece o preço. Já se emprega, porém, cevada nacional no preparo da cerveja em São Leopoldo. No que se refere ao MILHO e ao ARROZ, são produtos cultivados em todo o Brasil, desde o Amazonas até o extremo Sul e constituem o alimento básico da população. Na coleção de FEIJÕES, que apresenta 29 espécies, o feijão preto ocupa o primeiro lugar, na preferência do povo brasileiro. Numerosos são também os tipos de farináceos. O SAGU e a TAPICCA do Brasil, constituem importante ramo de comércio e estão bem representados. Entre os produtos brasileiros que chamam atenção, devemos mencionar as fibras expostas em grande quantidade. Algumas como a piacaba, e tucum (a fibra da palmeira tucumã) já são conhecidas e utilizadas na Europa, mas muitas outras, empregadas no Brasil, são completamente desconhecidas na Europa, assim como o caruá e outras plantas, que fornecem aos moradores das margens do Amazonas, excelentes cordas, linhas para pescar e fios para redes.

(Continua)

**AUTORES CATARINENSES**

**ENÉAS ATHANAZIO**

Convidado pelo "Centro de Letras do Paraná, compareci ao "chá das cinco" do dia 17 de outubro. Recepcionado pela direção e associados da entidade, falei em seguida a respeito do Regionalismo dos Campos Gerais de Santa Catarina, procurando destacar aspectos significativos da obra dos integrantes dessa corrente em nosso Estado -- Tito Carvalho, o fundador da escola, Guido Wilmar Sassi, Edson Ubaldo, Fernando Tokarski e Márcio Camargo Costa, abordando também a minha contribuição pessoal. O assunto despertou interesse entre os presentes e deu margem a muitos debates. Compareceram à reunião vários associados, todos escritores, dedicados aos mais diversos gêneros, e entre eles encontrei amigos e conhecidos, a exemplo do Felício Raitani Neto (presidente), Vasco José Taborda, Valfrido Piloto, José Carlos Veiga Lopes, Harley Clóvis Stocchero, Noel Nascimento e Francisco Filipak.

Após a palestra estivemos no lançamento do livro "Década", de autoria da cronista Anita Zippin, realizado na galeria do Banestado, à Rua Marechal Deodoro, há pouco restaurada. E encerramos a noite com um jantar que foi oferecido a mim e minha esposa em Santa Felicidade.

O "Centro de Letras do Paraná" está instalado em aprazível sede própria, à Avenida Fernando Moreira, dotada de amplo auditório e biblioteca. O "chá das cinco", promovido duas vezes por mês, é uma tradição na vida cultural de Curitiba e graças a ele é possível a convivência tão agradável entre escritores de ambos os Estados.



Prosseguindo na viagem, estive em Londrina, onde mantive contato com um grupo de poetas locais, em sua maioria jovens, e Maringá, onde fui recebido pelo escritor Galdino Andrade e entrevistado pelo "Jornal de Maringá". Em São Paulo, depois de prolongada visita à 20ª. Bienal Internacional de Artes Plásticas, almocei em companhia dos escritores Luz e Silva, Aristides Theodor e Carmello Chamorro. Todos se revelam interessados pelo que acontece na vida cultural de nosso Estado e às vezes estão melhor informados que muitos que aqui residem.

\* \* \*

Esteve em Florianópolis, onde permaneceu por vários dias, o Prof. Giovanni Ricciardi, que leciona literatura brasileira na Universidade de Bari, na Itália. Nessa visita conversou com alunos, professores e escritores, procurando se manter atualizado sobre o que acontece em nossas letras. Ele veio ao Brasil como convidado para o Congresso sobre Machado de Assis, promovido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, para um curso na PUC, também do Rio, e para entrevistar o poeta Mário Quintana, em Porto Alegre. No ano passado ele publicou na Itália um livro denominado "Escrever", contendo entrevistas com escritores brasileiros, entre os quais os catarinenses Salim Miguel, Edla van Steen e Deonísio da Silva.

\* \* \*

Numa iniciativa da IBM Brasil, Fundação Nacional Pró-Memória e Museu Nacional de Belas Artes, teve início no dia 10 de outubro o Projeto Encontro Mercado, que visa possibilitar o contato direto do público com escritores consagrados, precedido sempre da exibição de um documentário a respeito da vida, da personalidade e da obra do autor convidado, com quem os presentes poderão conversar diretamente. São inúmeros os escritores convidados, mas o primeiro a comparecer foi Armando Nogueira. O Encontro acontece no auditório da Reitoria da UFSC, em Florianópolis.

\* \* \*

A UFSC promoveu o "Seminário Texto-Memória", com a participação de Telê Ancona Lopez, Eneida Maria de Souza, Benedito Nunes e Raul Antelo. Na ocasião foi feita a apresentação dos primeiros títulos da "Coleção Archives", publicada sob os auspícios da UNCESCO e com o concurso de vários países. Os textos brasileiros já publicados na coleção foram "Macunaima", de Mário de Andrade, e "A paixão segundo G. M.", de Clarice Lispector.

\* \* \*

Do programa do Teatro Carlos Gomes, para os meses de novembro e dezembro, destacaram-se importantes eventos culturais, como



teatro, dança e concertos, incluindo-se entre estes a apresentação da Orquestra de Câmara de Blumenau.

\* \* \*

Foram lançados no período os seguintes livros: "Eleições diretas e primórdios do coronelismo catarinense", de Maria Regina Boppré; "Ternura em contos e poemas", de Edltraud Zimmermann Fonseca, editado pela Fundação Casa Dr. Blumenau; "No mundo encantado da poesia", coletânea da Editora Pirlampo, de Petrópolis, com a participação do catarinense Hermes Justino Patrianova; "Dicionário Biográfico Hebrasil", editado pela Revista da Cidade, também de Petrópolis, onde há um verbete dedicado ao mesmo Hermes Justino Patrianova; "Ernani Rosas — Poesia", publicado por FCC Edições em comemoração ao centenário de nascimento do poeta, com organização, apresentação e notas de Iaponan Soares e Danila Carneiro da Cunha Luz Varella, uma importante contribuição para o resgate da literatura catarinense; "Hybris", coletânea de contos e poemas de Silveira de Souza (Editora Sem Prelo), que mostra bem a criatividade e o talento do conhecido escritor conterrâneo.

\* \* \*

Encerro com uma palavra para o poeta Marcos Laffin, cujas "sanfonas" **Seis Pedacos de Dois e Seis Luas de Solstício** acabam de ser publicadas por Edições Ipê, de Joinville. Da primeira delas, como pequena amostragem aos leitores, extraio este poema:

## VIDA

Ah! Vida,  
Quisera eu pôr-te de castigo  
Pelas vezes em que  
Mal me levantei,  
E tu já me derrubaste outra vez.  
Ah! Vida,  
Castigo maior foi o meu  
Em não aprender as lições  
Que tu me ensinavas  
Em meio aos tropeços.

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.



## A TRAGÉDIA DE LOUISE EBERWEIN

Tradução: Edith Sophia Eimer

Notícias locais: Na segunda-feira foi encontrado no rio o cadáver da senhorita Louise Eberwein. Nós não queremos nos anteceder às investigações judiciárias e procurar os motivos que causaram este drama, desta senhorita que aqui chegou faz pouco tempo e não possuía aqui nenhum parente. O enterro aconteceu na terça-feira, inúmeras famílias locais enviaram coroas para enfeitar o caixão. Entre os que acompanharam o cortejo fúnebre notamos a presença do Superintendente, vários vereadores, o cônsul da Alemanha, nossos dois médicos, etc. O "Blumenauer Zeitung" esteve representado por seu editor.

De outro lado recebemos um relatório sobre este triste acontecimento que aqui transcrevemos:

### A Noiva da Morte

Na segunda-feira à tarde se espalhou aqui a notícia de que o cadáver da senhorita Louise Eberwein havia sido encontrado no rio Itajaí, esta notícia abalou toda a população profundamente.

Esta Dama que há pouco tempo chegou a nossa cidade, pôs um fim a todas as adversidades que a vida se lhe apresentou, tornando-a quase que impossível.

Já órfã muito cedo, foi entregue aos cuidados de um tutor.

Mas uma vida como esta não lhe agradava e resolveu com o eleito do seu coração imigrar para a longínqua América, onde contrairiam matrimônio, esperando encontrar melhores dias. Mas, já durante a viagem ela notou que seu noivo era um indigno do qual não mais poderia demonstrar seu amor, de forma que ela desfez a ligação e agora indefesa e sem meios pecuniários que aquele havia esbanjado, encontrava-se agora a bordo do navio. Durante este tempo aproximou-se dela uma pessoa que lhe estendeu a mão misericordiosa oferecendo-lhe proteção e ajuda e com a promessa de casar-se com ela, chegaram aqui onde pretendiam instalar sua morada.

O senhor que cuidara e sob cuja proteção estava, afastando dela toda e qualquer dificuldade viera para cá para assumir um cargo num estabelecimento local.

Esta nova ligação no entanto, que fora atado durante a viagem, parece que se antepunha os interesses do funcionário, cujo esclarecimento de veracidade não nos compete. A verdade é que se formara uma espécie de cordão sanitário e não foi deixada uma só tentativa de impedir a desejada união destas duas pessoas. E a campanha avançava de tal maneira que um dos pais desta intriga não se deu satisfeito de espa-



lhar injustas e desenrosas afirmações sobre aquela que não conhecia mais de perto, dirigindo-lhe ofensas diretas, lançando-lhe ameaças que a obrigavam a assumir o cargo de doméstica numa casa ou de continuar morando no hotel onde estava instalada.

Como soubemos através dos depoimentos jurídicos, a dama depois desta amarga experiência, chorosa voltou ao seu quarto, escreveu algumas cartas e recusou, apesar dos intensos apelos da dona do hotel, de tomar qualquer alimento, bebeu apenas um cálice de vinho, terminou suas cartas, as últimas que escreveu e saiu. Para onde? Somente aquele que já se encontrara numa situação tão infeliz, que passou toda esta tristeza pode avaliar o que este último caminho significava. Todos procuraram pela infeliz, até que no dia 3 do corrente foi encontrado seu corpo inerte.

Um morador já há alguns dias passados encontrara na margem do rio, no terreno do senhor Wloch, um lenço com 1\$500 em dinheiro, um chapéu e um cachecol, sem pensar em algo mais grave, somente depois do anúncio neste jornal de sábado passado, chamado sua atenção ele voltou ao mesmo local para outras investigações quando então viu a infeliz noiva no fundo do rio.

Ela foi um jogo da felicidade que ela sonhara. Foi a vergonha e a má fama que a intriga lhe preparara. Abandonada por todos, sentara-se, deixando o passado mais uma vez desfilar perante seus olhos, o desespero pelo seu destino, a altivez de seu caráter mostraram-lhe o caminho, procurar o último noivo na mor-

te, que este lhe conservaria a eterna fidelidade e no anoitecer, sob a fresca água, realizava ela a última cerimônia.

Mas a infelicidade e o azar ainda não a abandonaram. Foi resgatada da sepultura onde enterrara sua dor e tristeza. E com o peito dilacerado e coração partido jogaram-na num rancho sujo do hospital, sobre duas duras tábuas onde foi submetida a autópsia. Ninguém apareceu que requisitasse seu corpo, todos eram frios e indiferentes que lhe amarguraram as últimas horas de vida e encaravam friamente a autópsia foi envolta num lençol como mendiga, jogaram suas vestes sobre o corpo e foi levada para o último descanso em terra estranha, sem uma lágrima, um único adeus.

Como dizem sua correspondência foi violada e recebeu outro destino como o pretendido. Nós não podemos acreditar num crime tão indigno, mas temos a esperança que através de uma investigação jurídica seja trazido esclarecimento neste assunto.

É de lamentar que a lei, que no propósito de um crime sempre vê um mal maior, silencia sobre um caso como este presente, onde a culpa está tão clara como a luz do dia e a população revoltada aponta os causadores deste mal. É triste! Mas em nosso tempo, sacrifica-se ainda mártires enquanto os verdugos triunfam.

Que as cinzas da noiva da morte encontrem na fria sepultura tranqüilidade e paz! A morte é o esposo mais ciumento que distrai aqueles que a beijam para conservá-los pela eternidade.

As coroas com as quais as famílias enfeitaram tua habitação



terrestre lhe permitam o último delicioso aroma ao teu frio corpo, eles representam o protesto e a revolta contra os causadores desta tragédia.

**Blumenauer Zeitung.** Sábado, 8 de julho de 1899, nº. 27.

### **A Tragédia de Louise Eberwein**

Como já notificado em número anterior, ao contrário de toda expectativa, o acusado Adolf Säftel com dois votos contra dois do tribunal de correção, colocado em liberdade. A lei determina que na igualdade de votos o acusado seja libertado. O promotor entrou com uma apelação contra esta sentença. A deficiência de provas não é convincente a todos, existem pessoas que dizem que em Blumenau um tribunal não cometeu nunca tão grande injustiça, pois trata-se de um crime provado, que é tão mais revoltante por tratar-se de um homem culto, que deve reconhecer a repugnância do ato. A sessão foi muito concorrida, também vários membros da Liga-Pangermânica estiveram presentes, a cujos fundadores Säftel pertencia. Para melhor conhecimento de nossos leitores e dar-lhes a oportunidade de um julgamento imparcial, começamos a partir de hoje com a publicação das respectivas atas. Primeiro os depoimentos perante o comissário de polícia, mais tarde aqueles repetidos no tribunal e nesta oportunidade chamar atenção sobre os seus desvios.

1ª. testemunha: Theodor Lüders, disse: Louise Eberwein chegou no dia 3 de junho do ano em curso e pelo farmacêutico Adolf

Säftel introduzido em seu hotel como hóspede. Louise Eberwein encontrava-se ali até o dia 27 de junho, dia que estava ausente a testemunha. Voltando às 9 horas da noite, a testemunha soube por sua esposa que Louise Eberwein perto de 4 e meia da tarde deixara o hotel e que até esta hora não havia regressado, que deixara 2 cartas, uma redigida a Sprenkmann, um farmacêutico recém-vindo e que estava trabalhando na farmácia de Heinrich Brandes, a outra a uma pessoa na Alemanha, cujo nome não se lembrava, esta carta estava aberta. A testemunha em seguida foi à casa de Brandes para comunicar a Sprenkmann que a senhorita deixara o hotel e deixado duas cartas sobre a mesa. Nesta ocasião a senhora Brandes disse à testemunha que Säftel e Sprenkmann estavam no local de reunião da "Liga Pangermânica". A testemunha se dirigiu então para este salão onde se esforçou em falar com Säftel e Sprenkmann explicando assim sua presença ali. Säftel, em seguida, acompanhou a testemunha ao hotel, onde ele tirou as duas cartas que ainda estavam na mesa do quarto. Levou as cartas até o refeitório onde a abriu, leu e queimou, certamente com a autorização de Sprenkmann ao qual estava endereçada. Testemunha pergunta a Säftel sobre o conteúdo da carta, este respondeu que a mesma era de Louise Eberwein, na qual diz que mais tarde teria notícias dela. Na manhã seguinte Säftel voltara ao hotel perguntando se já tinha chegado uma notícia de Louise Eberwein. A testemunha respondeu negativamente. Como, no entanto, ouvi-



ra dizer que Louise Eberwein fora convidada domingo dia 25 de junho estivera na Velha na casa de Paraski e por este convidado a participar numa festa de família, ele e Säftel se dirigiram a casa deste Paraski, que após muito pedido declarou sob palavra que Louise Eberwein desde domingo não pisara mais sua casa. A testemunha e Säftel resolveram ir então à casa de Wilhelm Hahn e obter informações com os vizinhos, foram assim até Belchior, casa por casa até Ferdinand Hahne para obter informações de Louise Eberwein. Na tarde de 27 de junho, Louise foi vista pela senhora Weickert e filhos descendo a rua, como também a viúva na rua em frente a casa de Wilhelm Hahn. A última notícia obtiveram com Radtke onde a tinham visto na rua. A partir dali não obtiveram mais nenhuma informação. Voltando com Säftel ao hotel, a testemunha pediu ao senhor Gustav Salinger tomar conhecimento da carta que Louise E. deixara endereçada para a Alemanha. Senhor Salinger e Säftel tiraram a carta do envelope e a leram. Testemunha leu só o final da carta, onde Louise diz que não lhe escrevessem, mais tarde receberiam notícias dela. Testemunha, em vista disto, disse à esposa que não se preocupasse mais, Louise não tentaria contra a vida. À tarde, a testemunha pediu ao farmacêutico Sprenkmann, como dizem, noivo de Louise Eberwein que viesse ao hotel para dar esclarecimentos sobre uma mala, para que a testemunha pudesse fazer queixa na polícia. Sprenkmann não demorou muito em aparecer e lhe entregou

100\$000, para enviá-la a Itajai e entregá-la a Louise caso ela lá tivesse já chegado. A testemunha entregou o dinheiro ao maquinista Alfredo do Canto para entregá-lo a Louise caso a encontrasse, do contrário entregá-lo a uma pessoa de confiança onde Louise pudesse buscá-lo. No dia 2, ao entardecer, a testemunha comunicou o desaparecimento de Louise Eberwein à polícia. O chapéu, uma gravata de seda e um lenço que lhe foram apresentados a testemunha reconheceu como pertencentes a Louise Eberwein. Após a leitura desta ata, que foi achada correta, a testemunha assiou-a, bem como o comissário de polícia e o escriturário.

Blumenauer Zeitung, Sábado,  
22 de julho de 1899, n.º 29.

#### A Tragédia de Louise Eberwein

A senhora Elise Lüders depõe: Louise Eberwein que viera na companhia do senhor Max Sprenkmann da Europa, estava hospedada em seu hotel à cerca de 3 semanas. No dia 27 de junho o farmacêutico Säftel chegou ao hotel, depois do café e perguntou se era verdade que Louise Eberwein estivera no domingo passado num baile na casa de Wilhelm Hahn e a que horas ela voltara ao hotel. A testemunha respondeu que Louise fora ao baile e voltara logo depois da meia-noite. Louise havia perguntado a ela se ela poderia ir ao baile na casa dos Hahn, para o qual havia sido convidada e se era uma família decente. Ela respondeu a Louise que era uma famí-



lia de bem e que nada podia dizer a respeito da família Hahn. Louise disse que os senhores que haviam chegado ao hotel a vieram buscar. A testemunha disse que sobre estes senhores nada podia dizer, porque não os conhecia suficientemente. Louise, em seguida, saíra com estes senhores para o baile. Säftel disse em resposta, se a testemunha pudesse dar qualquer esclarecimento sobre o comportamento de Louise Eberwein, eles agradeceriam. A testemunha então respondeu que ela não podia dizer absolutamente nada sobre o comportamento de Louise Eberwein e que esta em sua permanência de 2 semanas no hotel se comportara muito bem, mas ela achava que no domingo ela não deveria ter ido ao baile, mas seu noivo Max Sprenkmann também estava no Schutzenhaus. Säftel pediu para ir a um quarto para falar com Louise. Ela acompanhou Säftel que logo depois deixou o hotel enquanto Louise se dirigiu ao refeitório. Quando a testemunha entrou, Louise estava sentada numa cadeira, sem dizer nada, e em seguida dirigiu-se ao seu quarto. A testemunha enviou sua filha Johanne para arrumar os quartos, também o de Louise que sentada à mesa estava escrevendo, sem falar com Johanne. De tarde, pelas 3 horas, chegou Säftel e disse à testemunha que eles só pagariam as despesas de Louise no hotel até quinta-feira, mas mesmo se ela ainda permanecesse por alguns dias no hotel eles se responsabilizariam, ele só estipulara o dia de quinta-feira para provocar um susto (choque) para que ela deixasse a cidade, quanto antes me-

lhor e que o noivado com Max Sprenkmann estava desfeito e sobre isto ele, Säftel, colocara Louise a par. Pelas 4 horas da tarde ela, a testemunha, mandara chamar Louise para comer, mas que não veio, então a testemunha foi pessoalmente ao quarto e pediu que ela viesse comer. Louise no entanto recusou e pediu um cálice de vinho, que também lhe levaram. Testemunha então disse que o acontecido com seu noivo não se justificava, ela mandaria chamar Sprenkmann para que pudessem se entender. Louise respondeu que isto ela não precisava fazer, pois Sprenkmann certamente não teria tempo e só viria à noite. Louise ainda acrescentou que em todo mal entendido entre ela e Sprenkmann, o único culpado era Säftel, que desde sua chegada a Blumenau fora contra seu noivado e desde sua volta de Joinville conseguiu que Sprenkmann a deixasse. Louise ainda disse que no navio no qual se encontrava de viagem da Alemanha havia um senhor, cujo nome a testemunha esquecera, que queria aproximar-se dela e ao qual ela não dera atenção e por este motivo ele provavelmente espalhara boatos maldosos a seu respeito. Em seguida Louise trocara de roupa e disse que faria um pequeno passeio. Um pouco mais tarde, os filhos da testemunha comunicaram-lhe que Louise havia deixado a casa pela porta dos fundos. Lá pelas 7 horas da noite, Säftel chegara ao hotel e disse à testemunha que ele viera em lugar de Sprenkmann, que ela mandara chamar. A testemunha disse que ela mandara chamar Sprenkmann para que o mesmo se entendesse com sua



noiva. Säftel respondeu que ela mandara chamar Sprenkmann porque Louise estava sem meios, ele esquecera de dizer a ela que receberia dinheiro no lugar qualquer que fosse. Testemunha ainda diz que seu marido no referido dia 27 estivera ausente e só voltara às 9 horas da noite, ela então lhe disse que Louise deixara o hotel às 4 horas da tarde e ainda não voltara e que deixara sobre a mesa de seu quarto duas cartas, uma ao senhor Sprenkmann e outra fechada para a Alemanha, cujo endereço esquecera. Säftel abrira a carta endereçada a Sprenkmann, a lera e, em seguida, a queimara na luz acesa. Testemunha reconhece o chapéu apresentado, uma gravata e um lenço como pertencentes a Louise Eberwein. Após a leitura da ata e reconhecida como verdadeira foi assinada pelas pessoas interessadas.

Adolf Säftel, depõe: ele conhecia Louise Eberwein que estava hospedada no hotel de Theodor Lüders e há pouco tempo viera em companhia do farmacêutico Brenkmann, que atualmente trabalha na farmácia do senhor Heinrich Brandes. Ele sabe que o dito Sprenkmann é noivo da senhorita Louise Eberwein e como noiva deste senhor, respondeu Säftel, que na 2<sup>a</sup>. feira, dia 26 de junho, soube do senhor Walther Baumgarten que Louise Eberwein não se comportara como era devido a uma noiva, naquele baile. O senhor Walther Baumgarten declarou que soube isto através da senhora Theodor Lüders e como amigo do senhor Sprenkmann ele foi à casa de Lüders para tomar informações. A senhora Lüders confirmou o

que havia dito o senhor Walther Baumgarten (compare o depoimento da senhora Lüders feito perante o tribunal e que o mesmo se desvia do que Säftel depôs!). Ele, como amigo de Sprenkmann, achou que era sua obrigação informar Sprenkmann sobre o acontecido. Max Sprenkmann, em consequência disto, resolveu desfazer o noivado e ele, Säftel, se oferecera comunicar o mesmo a Louise Eberwein, o que também aconteceu. Também ele Säftel em nome de Sprenkmann dissera a Louise que devido aos boatos que circulavam na cidade, seria melhor para ela desaparecer daqui o mais rápido possível e que a viagem e outras despesas Sprenkmann pagaria. Fosse para onde fosse, Alemanha ou Porto Alegre onde ela, como ouvira dizer, tem conhecidos ou então para outro lugar qualquer. Ele teria dito a Louise que ela não ficaria sem apoio financeiro necessário, Sprenkman a financiaria. Perguntado, Säftel disse que Louise Eberwein lhe havia dito que voltasse no dia seguinte para saber que decisão ela havia tomado em relação à oferta de Sprenkmann. No mesmo dia, entre 10 e 11 horas da noite, o senhor Theodor Lüders compareceu na casa de Wilhelm Becker (liga pan-germânica) onde ele, Säftel, se encontrava com Sprenkmann e mais outros senhores, comunicando que Louise Eberwein tinha deixado o hotel às 4 horas da tarde e ainda não regressara e que também deixara duas cartas, uma fechada, endereçada ao senhor Max Sprenkmann, e uma aberta, endereçada ao deputado Frank em Milz em Thüringer. Säftel disse mais, que mediante o comu-



nicado que Lüders fizera, Sprengmann o autorizou a agir como achasse melhor. Ele acompanhou Lüders ao hotel e ambos foram ao quarto de Louise, onde Säftel pegou a carta endereçada a Sprengmann da mesa, que abriu na presença de Lüders e sua esposa, informando-os dos itens mais importantes e em voz alta leu o final da carta para que o casal Lüders ouvisse. (Se contradiz com os dois depoimentos anteriores!). Na carta Louise Eberwein dizia que teria sido melhor que Brinkmann a tivesse deixado com seu primeiro noivo, este teria agido melhor e não a teria abandonado. O final da carta era o seguinte: "O que vou fazer agora eu não sei, mais tarde você ouvirá falar de mim, assinado a que muito o quer, Louise". (Agora o senhor Blohm sabe de onde o informante sabe o teor do sentimental final da carta?!). Depois o senhor Säftel na presença do casal Lüders queimou a carta. Interrogado sobre o teor da carta endereçada ao deputado Frank, Säftel disse que nela Louise se auto-acusa porque deixara a Alemanha contra a vontade de seu tutor, o mencionado Frank e que agora estava abandonada pelo noivo e atirada numa vida incerta, no final Louise ainda diz que por enquanto não lhe escrevessem. Interrogado, Säftel respondeu que ele, Theodor Lüders e Gustav Salinger no dia seguinte foram ao quarto ocupado por Louise, onde na mesa estava a carta, ele não se lembra quem a tirou do envelope, no dia seguinte ele levou esta carta ao correio. Säftel ainda disse que mediante as cartas não suspeitava que Louise tivesse ten-

tado contra a vida. Como Louise no dia seguinte, quarta-feira, dia 28, ainda não aparecera ele, na companhia de Theodor Lüders resolveram fazer uma sindicância, pediram informações a várias casas, ele pessoalmente procurou no galpão dos imigrantes, mas sem sucesso. Eles souberam que Louise na terça-feira à tarde fora vista, depois que deixara o hotel, na estrada que levava a Gaspar. A última notícia obtiveram na casa de Radtke, onde Louise fora vista na estrada ao entardecer. Interrogado, Säftel disse que como não obtiveram nenhuma informação sobre o paradeiro de Louise, Brinkmann resolvera pessoalmente tomar as medidas para descobrir onde estava Louise Eberwein. Interrogado, Säftel disse que ele soubera que no dia 3 do corrente mês de maio, Louise Eberwein fora encontrada morta no rio Itajaí entre os terrenos de Radtke e Koch. Säftel ainda disse que ele soube sábado dia 1.º de junho que Louise fora vista em Gaspar, em direção a Brusque. Ele então incumbiu Schmol e Kölping de explorar a região em direção Gaspar-Brusque-Itajaí, mas estes voltaram na segunda-feira sem terem tido sucesso, ele então comunicou a estes por telegrama que Louise havia sido encontrada morta no rio. Depois que esta ata foi lida, achada correta, foi assinada pelos participantes.

Gustav Salinger, depõe: ele conhece, há pouco tempo vindo da Alemanha, Louise Eberwein só de passagem e sabia que ela estava hospedada no Hotel Lüders e Cia e que ela, como ouvira, na segunda-feira, dia 26 de junho, à tarde, deixara o mesmo.



Interrogado se ele sabia que ela tinha deixado no quarto duas cartas fechadas a testemunha disse que isto ele não sabia, que ele no dia 28 estava no referido hotel onde Lüders lhe dissera que Louise havia deixado duas cartas sobre a mesa de seu quarto, uma endereçada ao seu noivo Brinkmann, que como sabe Lüders entregara a Säftel. Em seguida a testemunha com Lüders e Säftel ao quarto ocupado por Louise, onde sobre a mesa encontraram uma carta aberta, que ele, como cônsul da Alemanha, leu, para assim, talvez obter informações sobre o paradeiro de Louise ou outra qualquer decisão por ela tomada. Na carta estava escrito que ela, Louise, lamentava não ter sido obediente e que agora abandonada pelo noivo se encontrava num país estranho e que não lhe escrevessem por enquanto. A testemunha ainda diz que ele, em posição de cônsul alemão, por intermédio de Lüders mandara levar a carta à agência postal desta cidade, para que chegasse ao destinatário. Perguntado se a testemunha sabia em que mãos estava a carta de Louise destinada ao seu noivo, a testemunha disse que não o sabia. Depois da leitura da ata e achada correta, foi assinada pelos participantes.

No mesmo número é publicado o seguinte:

Em defesa:

O senhor F. Blohm se enganava tremendamente em seu artigo nº. 4 do "Urwaldsboten" quando afirma que eu convidei Louise Eberwein para um baile familiar na casa do senhor Hahn no "Vorstadt". O senhor Blohm de-

via ter sido um pouco mais cauteloso em suas afirmações e se informar antes melhor, antes de dizer algo que não é verdade. Para esclarecimento sirva a declaração que não eu, mas o filho do senhor Hahn convidou a senhorita Louise para o baile familiar.

Eu convoco a todos que se acham no direito de sacar a caneta para escrever sobre este assunto que deixem meu nome do lado de fora. Eu acho que, como vendeiro, não tenho o direito perante uma dama que sempre tratei com o respectivo respeito de negar-lhe a visita ao meu estabelecimento, quando quer tomar um refresco. Eu vivo do meu negócio como o senhor F. Blohm do seu.

Ass.: **Beumo Paraski**

Em defesa da honra de Louise Eberwein.

Perturbado pelo apoio e ódio dos partidos desequilibra seu caráter...

Goethe disse certa vez que ele aprendeu muito com o estudo do lado bom das pessoas. Tomemos este grande espírito como base e ainda achamos: O homem nunca é tão mau como sua fama.

A justiça conhece para o maior crime, como castigo mais alto, a morte. Louise Eberwein com sua morte voluntária penitenciou mais do que pecou. Não condenamos então mais de antemão, tão duro, uma jovem criatura vítima da maldade das circunstâncias e tentemos melhor em vista da veracidade de fatos ainda não publicados pela imprensa local, de salvar de sua honra o que ainda há para salvar.

Louise Eberwein esteve duas vezes na venda do senhor Paraski e isto é no salão de visitas, a pri-



meira vez fora realmente surpreendida pela chuva durante um passeio. A segunda vez esteve lá no referido dia e tinha como companheiros de mesa os senhores Th. Oehlert, um homem honrado, mas curvado por infelicidades familiares, R. Pauli e Hahn Jun.; características são suas palavras ali mesmo pronunciadas: "Com meu noivo não vai dar em nada, ele não pode casar. Com doze anos já perdi meus pais, minha vida toda fui torturada".

Quem aqui não reconhece a queixa de uma esperança enganada e o grito de dor de uma alma atormentada?

O senhor Hahn a convidou para aquela noite na casa de seus pais e como ela não estava familiarizada com a localização o senhor Paraski se ofereceu para levá-la consigo em sua charrete.

Lá — na casa dos Hahn — ela estava quieta, introvertida e as poucas palavras que, autor destas linhas, ouvi de sua boca expressaram uma profunda amargura contra o mundo.

Cerca de 11 horas ela solicitou o acompanhamento de um senhor, que algumas vezes dançara com ela e a tratara com todo respeito, e com ele deixou a casa. O que ainda se disse dela sobre aquela noite é inventado e ainda de acordo com a confissão de seu acompanhante.

Alguns boatos falsos que estão circulando, sejam com estas desmentidos.

Órfão, sem dinheiro, com digno orgulho recusando qualquer empréstimo, mal compreendida pelo mundo, com desiludidas esperanças no coração, entregou-se à morte: o trágico fim de uma existência e, talvez por na-

tureza, um grande caráter. Uma lágrima à sua lembrança.

Ass.: Wilhelm Dreer.

No último número do "Urwaldsbote" o senhor Säftel tentou marcar-me a ferro em brasa como espião, porque eu havia espiado certos "segredos" e, de acordo com suas conclusões lógicas, comunicado os mesmos ao Dr. Cunha.

Quem me conhece sabe que sou incapaz de tal malvadeza, mas perante ao público me vejo obrigado a fazer as seguintes declarações: Como é de conhecimento de todos eu frequentei muito a casa do senhor Freygang, ali eu tive a oportunidade de ver o comportamento do senhor Säftel e seu amigo do peito em relação a infeliz senhorita Louise Eberwein. Se se fala em espiões, então quase toda a Blumenau sabe onde terão que procurar. As baixas suspeitas que o número anterior do Blumenauer Zeitung tão acertadamente relata que o abominável sujeito espalhou sobre a Dama, mais tarde, no entanto, para tirar a cabeça da corda, de modo tão jesuítico negou, não foram ouvidas só por mim, mas são conhecidas na cidade. Que tal comportamento indigno não recebeu minha aprovação, é fácil de compreender e que também em discussão sobre o triste caso manifestei claramente é de entender. Uma mentira é em afirmar que eu afirmei a respeito o Dr. Cunha, eu também nunca me esforcei em ser testemunha de um caso qualquer, e menos neste caso por todas as pessoas de bem é condenado veementemente.

O acima dito posso eu — senhor Säftel — jurar com tran-



quãlla consciência e de outro modo ainda eu lhe peço, ou melhor, exijo que no futuro não mais use o meu nome.

Ass.: F. Kinder

**Blumenauer Zeitung**, Sábado,  
29 de julho de 1899, n.º. 30.

### **A Tragédia de Louise Eberwein**

Os depoimentos no Tribunal  
1ª. testemunha: Theodor Lüders, ao qual é lida a acusação do promotor, diz o seguinte: No dia 27 de junho, por volta das 8 horas da noite, voltando de uma viagem, sua esposa lhe disse que Louise Eberwein havia deixado a casa as 4 horas da tarde, sem regressar até esta hora, e que ela tinha deixado sobre a mesa de seu quarto duas cartas, uma para o senhor Sprenkmann e uma endereçada para uma pessoa a ella desconhecida na Alemanha. A testemunha em seguida foi à casa de Brandes para comunicar a Sprenkmann que sua noiva havia saído do hotel e deixara uma carta para elle, soube então pela senhora Brandes que Sprenkmann se encontrava no salão de reuniões da Liga Pan-germânica. A testemunha então se dirigiu para lá para procurar Sprenkmann. Neste momento o senhor Faulhaber deixava o local ao qual pediu que chamasse o senhor Säftel e Sprenkmann. Enquanto isto a testemunha permanecia na rua. Quando o senhor Säftel chegou este disse que viera em nome de Sprenkmann para ir ao hotel e olhar a carta. Chegados no quarto de Louise Eberwein a testemunha pediu ao senhor Säftel que levasse a carta endereçada a

Sprenkmann. Voltaram em seguida ao refeitório onde Säftel em presença sua e da esposa leu a carta e a queimou enquanto a segunda carta endereçada para a Alemanha ficara na mesa do quarto. Na manhã seguinte, regressando da procura por Louise e em companhia do senhor Säftel encontrou o senhor Salinger em sua casa ao qual pediu que tomasse conhecimento da carta deixada por Louise e destinada a Alemanha. Säftel ou Salinger retiraram a carta do envelope que não estava fechado e leram o conteúdo da mesma. Senhor Salinger levou a carta como acredita a testemunha, com as palavras que iria providenciar o despacho da mesma ao respectivo destinatário. Interrogado pela defesa, respondeu a testemunha que elle ao deixar o salão da Liga Pan-germânica estava convicto que Säftel estava agindo em nome de Sprenkmann. O acusado pediu que fossem lidas as palavras da testemunha. Lido, considerado correto e assinado.

2ª. testemunha: Senhora Elise Lüders diz, depois de ter sido lido o texto da acusação, o seguinte: Ella viu que Säftel retirou da mesa a carta de Louise endereçada a Sprenkmann, abriu a mesma, leu e queimou. Säftel dissera que as últimas palavras eram: "O que vou fazer agora não sei, você ouvirá de mim". Interrogada a testemunha disse que ella cuvira dizer que a outra carta que Louise deixara sobre a mesa não estava fechada, mas ella não tocara nas duas cartas. Interrogada pela defesa a testemunha respondeu que Säftel chegara em companhia de Lüders que lhe mostrara as duas cartas, pegou na



endereçada ao Sprenkmann, leu e queimou; ela não tocara nas cartas, mas ouvira dizer que a outra estava aberta e que a mesma ficara sobre a mesa e ela não sabia se no dia seguinte Säftel ou Salinger tomaram consigo. Lido, achado correto e assinado.

3ª. testemunha: Gustav Salinger disse: Da primeira carta sobre a qual cai a acusação do promotor a testemunha nada sabe\*. No dia seguinte ele soube que na mesa do quarto da Louise Eberwein se encontra uma carta e que ele como cônsul alemão, em companhia de Säftel e Lüders se dirigira ao quarto e leu a carta, mas como esta nada continha que pudesse esclarecer o paradeiro da dama entregara a Säftel\* para levá-la ao correio. Interrogado pela defesa a testemunha respondeu estar convencido de que a carta fora despachada no correio. Lido, achado correto e assinado.

4ª. testemunha: Paul Eberhard disse: Lembrava-se que há tempo o acusado veio à agência postal da cidade e pagara 200 Rs que estava devendo e outros 300 Rs por uma carta, mas ele não se lembrava a quem e para onde se destinava, e não se lembrava da data quando isto aconteceu. Interrogado pelo promotor a testemunha respondeu que ele não se lembrava se em 27 ou 28 de junho o farmacêutico Säftel despachou uma carta ao deputado Frank na Alemanha. A pergunta da defesa a testemunha respondeu que não era funcionário da agência postal. Lido, achado correto e assinado.

Blumenauer Zeitung. Sábado, 12 de agosto de 1899, nº. 32.

### A Tragédia Louise Eberwein

Hoje iniciaremos o último documento no assunto Louise Eberwein. É o último documento que nossos adversários não podem negar em seu teor e com cuja publicação queremos e vamos provar a veracidade de nossas afirmações. Não é difícil descobrir se o direito está do nosso lado, que não temos grande interesse no caso, ou do lado de nossos adversários entre os quais se encontra também o acusado e seus amigos que fingiram em sua defesa. Só contrariados, transcrevemos este ofensivo e repugnante documento, cujo autor poderia ser chamado a retratar-se caso a senhorita Louise Eberwein ainda estivesse viva ou tivesse aqui um parente que a defendesse. O defensor do senhor Säftel diz em sua argumentação para a apelação, o seguinte:

Digníssimo Tribunal! A este digno Tribunal, maravilhoso local, onde se ergue o altar dourado da Justiça e da verdade, ergue e requer através de seu advogado representante o recurso jurídico público contra a sentença de absolvição do Tribunal de correção desta cidade em sua sessão de 13 do mês corrente a favor do meu contraente o farmacêutico Adolf Säftel. E não apelo porque a sentença satisfaça a opinião pública ou que venha ao encontro das atas em questão, mas sim porque a promotoria se ocupou mais intensamente com um suposto suicídio de uma

\* Favor comparar com o depoimento feito perante o comissário de polícia.



estranha e desconhecida mulher do que a própria opinião pública, que veio a este distante rincão, talvez fugida da nebulosa Alemanha, pondo aqui fim a sua vida, jogando no maior rio do Estado, depois de permanecer alguns dias no hotel onde seu noivo Sprengmann a hospedara. Talvez se recordando das cenas românticas que a promotoria leu em momentos de êxtase, abandona a dignidade das provas, afasta-se das verdades, pelas quais ela acusa Adolf Säftel e escreveu algumas páginas que fundamentaram a immortalidade de Victor Hugo e Castello Branco e que immortalizaram Eça de Queiroz e Zola, estes dois importantes chefes da digna escola do naturalismo na qual a realidade e cenas humanas são retratadas sem disfarce e fiel talento másculo de um e o dom descritivo do outro. Quem não conhece bem a história do que eles chamam de crime hediondo que é imposto ao meu constituinte e que melhor se chamaria um romance platônico e lê a motivação da apelação do representante da justiça pública, o que não se sabe o que admirar mais se a exatidão das frases ou a felicidade dos pensamentos, frases que parecem tremer e pensamentos que parecem brilhar como aço que provam a evidência do talento literário do digno promotor, que talvez a sua modéstia durante todos estes anos ficou oculto e só agora apareceu perante uma nunca vista e acreditada realidade do suicídio de uma mulher, mas isto não impede que as lágrimas lhe venham aos olhos, que seu coração nade em desespero pelo hediondo crime e que sua cabeça se curve diante tal infelicida-

de. O suicídio, ou melhor, a morte da estrangeira Louise Eberwein comove de maneira nunca vista o frágil coração do digno promotor, como se ele, a morte não fosse uma certa e natural causa. Se não houvesse a morte diz Emilio Castellar, não haveria renovação, a natureza um inóvel mar miasmático, a humanidade desfalecida e convencida velha megera. Isto não é nenhuma literatura, eu também não a pratico, seria uma exagerada pretensão minha fazer e concluir tal obra gigantesca como a baseada do ilustre promotor, a não ser que eu aqui encontrasse alguém que me emprestasse um pouco de talento literário para escrever uma só página que me levasse a região dos imortais, porque sou obrigado a escrever as páginas para a defesa de meu constituinte, não falando da minha incapacidade intelectual, na solidão das minhas horas de trabalho. Cumprindo assim uma obrigação por ter assumido a proteção de uma causa que, mesmo não sendo significativa que lhe darão, por desconhecer a verdade e cegueira criminosa de uma forma, que compromete a honra e o caráter de meu constituinte. O corpo humano, diz Victor Hugo, é talvez um simples vestígio que esconde a nossa verdadeira alma e se oculta sobre nossa luz ou nossa sombra. A verdade é alma. O rosto uma máscara. A ilustre promotoria não conhecia a mulher que procurou a morte e que também não deu tempo que se fizesse um estudo psicológico para que a sociedade pudesse avaliar seu comportamento e caráter para concluir se ela aceitou em seu meio um anjo ou um demônio. E



por este motivo não sei a quem devo acusar do procedimento do illustre promotor, pois ela se desviou totalmente da base da acusação, para sempre falar na suicida, que colocaram como vítima de indignas manipulações do apelante, parecendo que choram mais sobre sua sepultura do que Marins sobre as ruínas de Cártaço. A lágrima é livre. Adolf Säftel no entanto não é o criminoso como o querem classificar. De acordo com seu comportamento na sociedade de Blumenau e a verdadeira orientação dos fatos e provas apresentadas, só uma justiça com os olhos vendados e a cegueira criminosa das opiniões maldosas podem julgar meu constituinte culpado de um crime semelhante, que a illustre promotoria relata nas cores mais tristes e revoltante, certamente para abalar o coração do juiz deste Tribunal, o que tentou fazer na reunião do Tribunal "a quo", e que não promoveu os desejados objetivos porque eram mais frágeis e tímidos, porque, disto estou certo, por ausência de felicidade naquela ocasião. Os fatos como são e sua orientação a mim dada não é o quadro opaco, o abominável tecido, como a honrada promotoria o elaborou, ao contrário eles elevam o caráter, o sentimento nobre, a bondade de coração do meu constituinte, ainda provando, como se sabe, ser um sincero e fiel amigo. Admirem-os digno Tribunal. Como meu constituinte expressou o desejo de anular o contrato que existia entre ele e o senhor Heinrich Brandes, proprietário de uma farmácia aqui nesta cidade, incumbiu-o seu chefe de procurar um sucessor e por

motivos de princípio e comerciais, solteiro. Como antigamente o senhor Sprenkman, como amigo e colega de uma entidade acadêmica, com o apelante mantinha correspondência e ao mesmo tempo pronunciara o desejo de substituí-lo em seu cargo, caso pretendesse deixá-la, e como meu constituinte queria voltar a Alemanha escreveu ao seu amigo que correspondia as suas exigências porque era solteiro, convidou-o a vir e ocupar seu cargo, e para isto ainda lhe foram fornecidos os respectivos meios financeiros. Depois que o apelante soube que seu amigo Sprenkman se encontrava em viagem, e indo a Itajaí recebê-lo e depois de um efusivo abraço de boas vindas foi surpreendido com o comunicado de Sprenkman que lhe declarou trazer uma noiva consigo e que ele à bordo salvara das mãos dos colonos e com a qual pretendia casar dentro de três meses. Intermediário do contrato entre seu chefe e seu amigo Sprenkman e por isto com certa responsabilidade e que era do conhecimento do dito Sprenkman, meu constituinte de forma discreta lhe fez ver que seu chefe nunca aceitaria um empregado casado. Mas para não vê-lo desanimado e não obrigá-lo à desistência, o apelante acrescentou que ele faria tudo em achar para sua noiva um emprego digno na casa de uma boa e digna família, onde poderia ficar como professora, auxiliar de dona de casa ou outra coisa qualquer. E com este propósito, comunicou-se na cidade de Itajaí com o senhor Feddersen, significativo comerciante desta cidade e que lá se encontrava, mas todos os esforços



e boa vontade se mostraram inúteis ante a declaração de Louise Eberwein que ela não se achava capacitada de assumir um cargo de educadora de crianças. Diante desta declaração de sua noiva e já nesta cidade, o farmacêutico comunicou ao seu amigo que ele, Sprenkmann, desistiria de assumir o cargo ao qual pretendia para trabalhar como colono, a isto o apelante respondeu que isto ele não poderia fazer porque já recebera do senhor Heinrich Brandes a importância de 800\$000 que este havia adiantado para a viagem. Logo depois deste assunto mencionado, depois de refletir e consciente de que deveria cumprir seu contrato, declarou Sprenkmann ao apelante que ele estava resolvido a convencer sua noiva a regressar para a Alemanha, onde poderia esperar melhor, até que os três anos de seu contrato terminassem. Meu constituinte satisfeito com a decisão de seu amigo, ofereceu logo um auxílio pecuniário, o que Sprenkmann não aceitou, com a argumentação de que já em São Francisco escrevera ao tutor de sua noiva e o envio da soma necessária para este fim e cuja chegada ele primeiro queria esperar. Mas era necessário encontrar um alojamento para Louise Eberwein junto a uma família digna porque o alojamento no hotel sairia muito dispendioso e que Sprenkmann não suportaria. Visando este objetivo e como era também seu desejo, meu constituinte foi, depois que apresentou Sprenkmann ao seu chefe Heinrich Brandes, proprietário da farmácia, procurar a senhora Rose Gärtner para pedir conselho, mas não conseguiu encontrar uma co-

locação para Louise, porque tanto o senhor Ferdinand Schadrack, que lhe havia dado esperança, bem como a esposa do senhor Wilhelm Scheeffler recusou o mesmo depois de ter falado com seu marido.

Segue o final.

Nota do tradutor: A tradução é tão fiel como foi possível fazê-la para não influenciar o estilo espiritual.

*Blumenauer Zeitung.* Sábado, 19 de agosto de 1899, n.º 33.

### **A Tragédia de Louise Eberwein**

Na impossibilidade, portanto, de servir ao seu amigo, propôs o apelante ao Sprenkmann que seria melhor ele levar sua noiva à Alemanha e caso o quisesse ele lhe ofereceria os meios pecuniários sobre os quais dispunha, mas também permaneceria na farmácia até que este regressasse ou viesse um substituto. Alguns dias depois, quando o apelante foi a Joinville encontrou lá um colega de viagem de Sprenkmann que não só dele lhe deu péssimas informações mas também de sua noiva, dizendo que esta iniciara a viagem para cá na companhia de um ajudante de seleiro, que a conhecera através de um anúncio em jornal, nesta ocasião era servente em um hotel no qual o mencionado noivo estava alojado. Eu não profano os tristes restos mortais guardados em terra brasileira de Louise Eberwein. Eu só defendo um homem contra as acusações criminosas que são levantadas contra ele. Durante a viagem o senhor Sprenkmann estabeleceu contato com os noivos



e logo tentou por todos os meios separá-los para ligar-se a Louise Eberwein. O citado companheiro de viagem de Sprengmann ainda disse que antes do noivado Louise tivera uma ligação com um foguista do navio e onde por várias vezes em companhia deste se excedera exageradamente na bebida. Apesar de tais informações que pouco recomendavam o caráter e o comportamento de Louise, o apelante não deixou de defender os interesses de seu amigo e sua noiva, tentando mesmo salvar a pequena soma que o tutor — da suicida — enviaria ao primeiro noivo, para este fim pediu a intervenção do senhor diretor Sellin, da Colônia Hansa, que lhe prometeu que o pagamento não se efetuariá. Sempre tentando fazer o bem e favorecê-la, meu constituinte prosseguiu em seu objetivo tentando encontrar uma colocação para Louise, pedindo para isto a ajuda de seus inúmeros amigos e quando finalmente recebeu um telegrama afirmativo de Joinville, aconteceu ao mesmo tempo o desaparecimento desta. Na noite de 24 para 25 de junho o apelante fez um passeio a Brusque em companhia de várias famílias de onde só regressou dia 26. Neste dia o senhor Walther Baumgarten contou ao meu constituinte que no domingo (21), um dia no qual se encontrava em Brusque, portanto ausente desta cidade, Louise se comportara indigno para uma noiva, um fato que já chegara aos ouvidos da esposa do senhor Theodor Lüders. O apelante não pôde acreditar nas informações de Walther Baumgarten devido a sua gravidade e foi procurar então a esposa do senhor Theodor Lüders. Esta lhe contou que no

referido dia, de manhã, às 11 horas, Louise deixara o hotel e só voltara ao anoitecer, contando que havia feito um longo passeio e que quase se perdera, enganando desta forma aquela senhora, enquanto durante toda sua ausência estivera na companhia de dois indivíduos em constante divertimento na venda de Paraski e foi visto que um deles até a abraçara. Quando lembrada de seu noivo disse que ela não o queria mais, não só porque era muito velho, mas também porque não possuía dinheiro. Com os mesmos indivíduos Louise foi aquela noite a um baile familiar, sem o consentimento do noivo, como exigia o mesmo e que deixara o baile só alta noite na companhia de um jovem e em vez de dirigir-se ao hotel onde estava hospedada fez com o mesmo um passeio durante o qual se deixara beijar várias vezes como o jovem mesmo contou ao senhor Sprengmann. Estes fatos foram relatados ao meu constituinte em parte pela esposa do senhor Theodor Lüders e em parte por outra pessoa que ainda disse que Louise costumava aceitar, no hotel, bebidas por viajantes e que ali sua filha de 14 anos fazia o papel de intérprete, que uma vez fora obrigada a fugir para não precisar traduzir a Louise as terríveis palavras que os viajantes dirigiam a ela. Dedicado amigo de Sprengmann e companheiro de uma Liga Acadêmica, o apelante achou que chegara a hora de abrir os olhos de seu amigo, porque alguns dos casos já se tornaram públicos, por este motivo e pela sagrada obrigação que impõe uma amizade, Säftel procurou Sprengmann e tristemente lhe relatou tudo que sabia e que



podia provar, para que o mesmo agisse como mandava sua honra e seu caráter. Reconhecendo a verdade Sprenkmann pronunciou as seguintes palavras: "Então a deixamos", autorizando no mesmo momento meu constituinte de comunicar sua decisão a sua noiva de que o noivado estava desfeito. Com esta autorização e sob toda reserva e calma que o caso exigia o apelante se dirigiu ao hotel comunicando a decisão a Louise Eberwein, declarando-lhe que seu amigo, o ex-noivo, não a queria deixar sem meios e por isto lhe sugeria a volta à Alemanha ou Porto Alegre onde ela dissera ter conhecidos, as despesas ele pagaria. À noite do mencionado dia (26), por volta das 10 horas, encontrava-se o apelante e seu amigo Sprenkmann no Clube "União Germânica" quando na porta surgiu pessoalmente o cidadão Theodor Lüders, proprietário do hotel no qual Louise estava hospedada dizendo que queria falar com meu constituinte ao qual comunicou que a referida Dama tinha deixado o hotel sem que até esta hora tivesse regressado, mas que deixara sobre a mesa de seu quarto duas cartas, das quais uma era endereçada ao seu ex-noivo. Comunicando a este o que o senhor Lüders dissera o apelante foi autorizado por Sprenkmann agir como achava melhor e assim, com o senhor Lüders foi ao hotel. Este lhe mostrou as duas cartas deixadas por Louise, o apelante tomou a carta endereçada a Sprenkmann, abriu-a e leu, vendo que nada continha que levasse a dedução de um possível suicídio a queimou, enquanto deixava a outra sobre a mesa que era

endereçada ao seu tutor, deputado na Alemanha. Esta, mesma que o cônsul Gustav Salinger no dia seguinte pegou, leu a mesma porque estava aberta, entregou-a a Sâltel para que ele a despachasse pelo correio, o que também foi feito e pelo cumprimento juraram tanto Salinger como Lüders. Na mesma noite meu constituinte voltou ao clube, comunicou a Sprenkmann não só o teor da carta, bem como o que fizera com a mesma e o que foi achado por bem deste que até agora pouca atenção dera ao caso. Isto é em todos os seus pormenores o que a ilustre promotoria chama de horrível drama, atribuindo ao meu constituinte o papel de monstro. Não surge nenhum crime na exposição que fiz e nenhuma responsabilidade legal atinge o apelante em todo o acontecimento onde só se nota a covardia e a tolice de uma pessoa que não teve a coragem suficiente de desfazer o noivado com aquela que ele já tirara de outro e faz de seu melhor amigo uma vítima em vez de diminuir-lhe o amargor que tivera que provar, colocando-o numa posição que revolta todo homem de honra e caráter, comprometendo-o mais em sua honra só com o objetivo de não estar sozinho ao desprezo que lhe a opinião pública demonstra. Aqui estão as provas, honrado Tribunal, olhem, vejam também a declaração na página 62 a assinatura de Sprenkmann reconhecida e após conhecimento dos fatos em confirmação só que disse vejam os depoimentos das testemunhas, apesar de que não dado em número suficiente pela promotoria dado nas páginas 54 e 57 perante o plenário, ali se encontrará a



total inocência de meu constituinte. A declaração que a promotória anexa, declaração que me parece inverídica porque sua assinatura não foi reconhecida. Relaciona-se além disto a uma procuração que não existe, fantástica, e só prova de uma não qualificada perseguição e só porque meu constituinte para sempre rompeu as relações de amizade que o ligavam a Sprenkmann, que neste momento foi despedido da farmácia na qual estava empregado. A opinião pública só se exalta devido ao suicídio de Louise, nunca no entanto pelo crime de que meu constituinte é acusado e a prova está mesmo na sessão do Tribunal de correção, onde, com exceção dos funcionários da Câmara Municipal, as poucas pessoas estiveram presentes, amigos do apelante. Portanto, não era a voz dramática de minerva ela salvou o caráter e a honradez de meu constituinte e a legislação que a elaborou merece o aplauso da humanidade. Meu constituinte confiante neste digno Tribunal, um templo onde a justiça se ergue num trono imaculado, iluminado pela luz do talento que brilha da cabeça de cada juiz, espera dos senhores a confirmação da sentença de absolvição "a quo" cientes de dar assim uma outra prova de sua costumeira e reconhecida justiça.

Blumenau, 27 de julho de 1899.

Defensor: Francisco de Oliveira Margarida.

**Blumenauer Zeitung.** Sábado, 26 de agosto de 1899, nº. 34.

**Notícias locais: Despedido**

No início da semana o senhor

Max Sprenkmann foi despedido de seu cargo da farmácia do senhor Brandes. Isto para ilustrar o seguinte trecho no artigo do senhor Blohm: Não, como ele sabia que o senhor Brandes não queria nenhum assistente casado, ele não podia casar sem **quebrar o seu contrato** e desta forma o senhor Brandes perderia os 800 marcos de despesa de viagem que em devolver não tinha condições. — Este assunto ainda terá uma consequência judicial.

#### Em caso próprio:

Em seu artigo no último número do "Urwaldsboten" que o tipógrafo circundou com uma faixa preta de luto, acusa-nos o senhor Säftel de ter impresso na parte redacional de nosso jornal sem comentário os artigos do Dr. Cunha. Senhor Säftel silencia naturalmente de propósito que ele na manhã do dia 5 de julho esteve na nossa tipografia, bateu na porta, chamou e nos pediu não trazer mais nenhuma notícia sobre o caso de Louise Eberwein, o que o redator do "Urwaldsboten" já lhe havia prometido. O caso havia abalado a ele, tanto como seu amigo que ele estava seriamente preocupado com o último. Nós chamamos a atenção do senhor Säftel que se tratava de um assunto que dificilmente podia ser ignorado pela imprensa. O aparecimento do senhor Säftel, que estava visivelmente nervoso, deixou em nós uma profunda impressão e por fim declaramos que trataríamos o caso com poucas palavras, mas que tínhamos que publicar artigos mais profundos e esclarecedores. Como o senhor Säftel nos agradece



nossa gentileza, mostra o artigo — Sem Comentário —. Em relação ao caso Louise Eberwein recebemos os seguintes artigos:

### Louise Eberwein

Nós prosseguimos hoje com a publicação das atas do processo sobre o caso Louise Eberwein. É o melhor meio de provar a verdade do que dizemos neste assunto: os depoimentos, que em parte foram feitos sob juramento, em parte sem o mesmo, vão na conta e perigo das respectivas testemunhas, que só assinaram os depoimentos depois de lido e achados corretos.

Depois da publicação dos últimos, toda Blumenau poderá avaliar o valor e a seriedade de cada depoimento, que a argumentação adversária merece, que não teme de forma covarde e fantástica arrastar para a lama a santidade familiar e passando para a área pessoal, ofender e se esforça em suspeitar de uma pessoa cujo crime consistia em ter levado a público por este jornal a verdade sobre Louise Eberwein. Que o editor do "Blumenauer Zeitung" também foi envolvido, honra o princípio daqueles senhores: "O objetivo santifica os meios". A inutilidade de tais atos harlequinianos faz o mesmo efeito sobre estes senhores como o pano vermelho sobre o peru.

Tirar-nos de nossa tranqüilidade estas pessoas não conseguirão, tão pouco as pessoas se surpreenderão que um bando de hienas há algumas semanas devoram o cadáver de uma pobre moça, na doce satisfação de salvar aquele culpado de sua morte.

Se nós revidamos os ataques e as suspeitas que o defensor de Säftel derrama sobre a sepultura de uma morta, e seja dito falecida dignamente, então isto é um ato de obrigação humanitária, pelo qual resguardamos Blumenau, sua população ainda agitada pelo acontecimento trágico o de assistir a um revoltante canibalismo.

A falta de conexão nos artigos daqueles que se esforçam em dar ao procedimento de Säftel a aparência de inocência é visível, já o provamos suficientemente. Enquanto o público não tiver conhecimento dos documentos, em cujas informações nos baseamos, qualquer outra discussão é cedo demais.

Somente então responderemos ao artigo do senhor Blohm, se então o assunto continuar a ser discutido na área abominável do pessoal para onde foi levado por seus companheiros de batalha. Verdade é que, para salvar míseros 800 marcos que Sprenkmann deve a alguém, foi necessário que Louise Eberwein sacrificasse numa terra estrangeira sua vida e os sonhos de sua juventude, e agora para salvar a fama e a liberdade daquele que lhe mostrou este caminho, cuspiu em sua honra e sujou a sua inocência e desonrou sua lembrança. Relamente, este procedimento é digno daqueles que o praticam!... Esperemos. Talvez até então também já pode ter sido iniciada a ameaça sobre o procedimento do cônsul alemão por um aparte por este feito.

Eles não conseguiram impor a nós o desejado propósito, porque trouxéramos o caso na imprensa e conhecimento público.



Nós não conhecíamos Louise Eberwein nem Max Sprengmann, e com Säftel tínhamos relação não de forma íntima, mas com certa estima e avaliação. Se em tudo que nós dissemos e fizemos a verdade e o direito não nos tivessem servido como fio de prumo e qualquer paixão nos guiado, então o documento não levaria nossa assinatura, que remove a suspeita de um pesado crime. Talvez seja bom esclarecer que circulavam boatos bem mais graves e tristes, que se também não pesquisados e provados, de rastros de uma luta no local onde foi encontrado o cadáver.

Por isto se pode constatar que de um lado eram só sentimentos humanos e compaixão que reina em quase toda a nossa população e que nos levaram a nos ocupar com o caso, do outro lado também a revolta sobre a perseguição de uma pobre e sozinha jovem, num país estrangeiro e cuja honra era enlameada e contra a qual mesmo além da sepultura ainda era feita uma luta baixa. Se isto não justifica o nosso modo de agir então a humanidade pode aprender com os chacais e as hienas.

Nós relatamos os acontecimentos sem mencionar nomes e somente depois que o processo esclareceu todos os pormenores, publicamos nomes e tiramos conclusões justificadas, pois as atas são livres a todos e o promotor relata em cores vivas e verdadeiras toda a baixezinha daqueles que dirigiram o drama. Se querem tomar isto como pessoal, que o façam.

Mesmo diante do tribunal o cadáver de Louise Eberwein foi profanado, falava-se de cartas

comprometedoras, que se achavam entre seus pertences e alguns dias depois um jornal ergue o direito a gravidade das frases, para logo depois nos acusar de tratar de assuntos particulares. Nós queremos silenciar sobre este fato, mas só porque lamentamos nossos adversários.

*Blumenauer Zeitung*. Sábado, 29 de julho de 1899, nº. 30.

### Notícias locais: Mais uma vez Louise Eberwein

De seu tutor e tio desta infeliz senhorita, deputado Frank em Milz-S=Meinigen, está em nosso poder uma carta que contribui para o esclarecimento de várias coisas. Em primeiro lugar soubemos que Louise Eberwein perdeu seus pais quando ainda escolar e com seus dois outros irmãos fora educada na casa do tio. Todo o esforço do tio visava dar aos filhos de sua irmã uma boa educação, ele não poupou sacrifícios pessoais dar-lhes uma boa formação que lhes facilitaria enfrentar a vida com dignidade. Louise era a mais talentosa entre os irmãos, trazia sempre alegria ao seu tio por seu caráter gentil e comportamento de boa moral. Em seus diversos empregos como cozinheira e apoio de dona de casa sempre recebeu os melhores empregos como cozinheira e apoio de dona de casa sempre recebeu os melhores boletins e nunca existiu qualquer dúvida sobre seu comportamento moral. Porque mesmo tendo tido uma educação rigorosa o tio sempre observou que não só seus próprios filhos, mas também os de sua irmã recebessem o mesmo tratamento



neste sentido dando-lhes desta forma em todas as situações da vida a respectiva segurança moral, e o tio está convencido que Louise não perdeu a sua moral.

Antes de sua partida ao Brasil ela comunicou ao seu tutor de Gotha onde se encontrava empregada que ela pensava em noivar com um certo Fischer. O senhor Frank foi para Gotha para conhecer o jovem, mas não teve boa impressão do mesmo. Todas as advertências, não se confiar a este homem, falharam no entanto na decisão firme da sobrinha. Com pedidos e implorando que não fossem postos empecilhos à sua felicidade o tutor se deixou convencer. Com a permissão do juiz superior de tutores conseguiu a autorização de viajar sob a condição de que um casamento não seria possível se o emprego de Fischer não estivesse garantido. Durante a viagem Fischer pediu a remessa de mais 300 marcos, porque Louise além de levar ainda 600 marcos em dinheiro, levava também por algumas centenas de marcos roupa pessoal e roupa de cama, desta forma o senhor Frank achou que não podia assumir a responsabilidade em atender o pedido de Fischer. Ainda durante a viagem, chegou a notícia de Louise, de que ela rompera com Fischer porque o reconhecera como indigno. Mas suas cartas sempre eram alegres e apesar deste acontecimento cheio de esperança de vida. A notícia da terrível morte de Louise atingiu a todos como um raio. Senhor Frank não pôde deixar de dizer que se sua sobrinha realmente procurou a morte voluntária, o que ele duvida, somente o extremo desespero

levou Louise a dar este passo, porque ela sabia muito bem que receberia imediatamente o dinheiro para regressar à Alemanha. Se não existe nenhum crime, então que Deus castigue aqueles que levaram esta pobre moça a morte. Do consulado de Blumenau veio uma carta, porém sem o carimbo oficial endereçado ao sobrinho do senhor Frank (irmão de Louise) na qual é comunicado a morte de sua irmã por suicídio. Em uma carta a Frank, Sprenkmann pede dos pertences de Louise um álbum e seus anéis. Senhor Frank escreveu ao cônsul que ele em nome de seus tutelados faz desistência dos pertences de sua sobrinha Louise, aqui e nada tem a opor se Sprenkmann receber as lembranças. A última carta que Louise escreveu ao seu tutor estava sem data e dizia que seu noivo havia desfeito o compromisso, por intriga de outros, mas que ela enfrentaria isto lutando. "O endereço, no entanto, que tomo a liberdade de anexar, não foi escrito pela mão dela e também não a de Sprenkmann". No próximo período de assembléia da Câmara dos Deputados, falarei com nosso ministro que é procurador da União em Berlim e discutir com ele o caso.

Da carta do senhor Frank primeiro se destaca que Louise Eberwein recebeu uma boa educação e possuía bastante conhecimento para ter sido colocada numa casa de relevo, se isto realmente tivesse acontecido seriamente o empenho para encontrar tal lugar. Então também são reveladas como mentirosas do Hansa — Fischer de que Louise não possuía absolutamente nenhuma



roupa particular e roupa de cama. O pedido de Fischer para a remessa de mais 300 marcos ilustra suficientemente suas afirmações que o dinheiro que Louise possuía se derretia como banha no sol. A carta que Louise deixara aberta no envelope sobre a mesa de seu quarto e endereçada ao seu tutor, foi despachada no correio, mas não no dia 28 de junho, dia do desaparecimento de Louise, mas sim só no dia 2 de julho. Dizem que o endereço foi escrito pelo senhor Säftel, como pessoas afirmam que conhecem a letra deste senhor. Com que objetivo foi trocado o envelope de Louise por um outro, se a carta endereçada ao deputado Frank estava aberta? Será que ao colar o mesmo este rasgou e teve que ser substituído por outro? "Louise na carta se auto-acusava porque deixara a Alemanha contra a vontade do tutor e que agora abandonada pelo noivo, atirada numa vida de incertezas", assim disse o senhor Säftel. O senhor Frank ao contrário escreve: "Nesta carta Louise acusava que seu noivo desfizera o compromisso levado por intriga de outros, mas que ela tentaria lutar contra as mesmas". A carta, portanto, caso tivesse sido entregue à autoridade policial poderia ter trazido alguns esclarecimentos.

Blumenauer Zeitung. Sábado, 23 de setembro de 1899, nº. 38.

Notícias locais: Em causa própria:

O senhor Säftel mais uma

vez se manifesta no último número do "Urwaldsboten" e se esforça como é seu costume derramar toda a bilis sobre nós. O senhor declara que ele escreveu o envelope endereçado ao senhor Frank, que foi obrigado a fazê-lo e que nunca fez segredo disto. Estranhamente não consta nenhuma palavra sobre isto nos autos, nem o senhor Säftel, nem uma das testemunhas mencionou isto perante a polícia ou no tribunal. Caso se tivesse logo feito entender à justiça de a estranha maneira como o envelope se tornou imprestável para a remessa, então logo se teria provado a incência deste senhor.

A nós a caligrafia do senhor Säftel era totalmente desconhecida. Um certo conhecimento em caligrafia se adquire durante o decorrer dos anos, especialmente numa tipografia onde se depara com mais caligrafias do que numa farmácia. Nós também já estivemos por duas vezes no tribunal como entendidos, uma vez era um emaranhado que tratava de um captador de herança e outra vez por uma falsificação.

Levar assuntos à polícia é sem efeito porque o senhor Säftel sabe que a sentença do Tribunal de Blumenau será confirmada, mas pelo menos um senhor que logo depois do julgamento foi à Florianópolis nesta causa, na volta com voz bem clara dizia que o chefe do partido lhe dera a afirmação em seu regresso que o Tribunal de Correção daria uma sentença de absolvição. Surpresas não há mais para fazer.

Em referência à caneta suja,

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense



deixaremos isto aos leitores decidir qual caneta foi mais suja. Uma comparação dos dois artigos é tão fácil fazer.

Alto Rio do Testo, 26 de setembro de 1899.

Prezado Senhor!

Como leitor de seu digno jornal eu queria gentilmente pedir levar estas palavras à publicação em um de seus números.

Como eu abaixo assinado estou sendo incomodado com constantes cartas e perguntas em relação ao caso Eberwein, que sirvam estas palavras como resposta: Eu fiz a viagem de Hamburgo ao Brasil com 29 imigrantes entre os quais também encontravam-se Louise Eberwein, Fischer e Sprenkmann, como companheiros de viagem, não como amigos. Vê-se, ouve e passa muito, mas o que tudo aconteceu diante de meus olhos Louise Eberwein permanece limpa e sem mácula e é uma triste realidade quando uma jovem tão alegre e cheia de vida, que não podia entristecer ninguém é levada de modo tão traiçoeiro e

vil a procurar a morte. Isto é tudo. Senhor Sprenkmann que já vim a conhecer em Hamburgo, diante de meus olhos é um homem honrado, mas neste caso não se mostrou como homem de ação, mas sim deixou que o levassem como uma marionete pelo cordão, de forma que só posso lamentá-lo. Durante a viagem era um alegre estudante, o que não o reflete mal, em absoluto, assuntos particulares não interessam a terceiros. Senhor v. Linsinger era realmente não bem quisto entre os passageiros. Sobre todo o resto não falo, pois o caso já se tornou asqueroso, mas se mais um dos "perguntadores" quer saber mais alguma coisa eu lhe dou o conselho de primeiro tratar de suas próprias condições, se nada encontra, pode vir pessoalmente procurar-me, ele pode então aqui deixar que eu lhe curte o "não pronunciável" com um bom cacete de tangerina, de graça. Estas são minhas últimas palavras. Ponto.

Ass.: Diem, seleiro  
**Blumenauer Zeitung**. Sábado,  
7 de outubro de 1899, n.º 40.  
**Maria Helena Batista**

---

## AS PRIMEIRAS PARÓQUIAS DE ITAJAÍ, GASPAR, BRUSQUE E BLUMENAU

Pe. Antônio Francisco Bohn

O presente trabalho, quer ser uma pequena contribuição às quatro paróquias mais antigas do Vale: Santíssimo Sacramento (Itajaí), São Pedro Apóstolo (Gaspar), São Luis (Brusque) e São Paulo Apóstolo (Blumenau). De forma sintética, alguns dados his-

tóricos iniciais são importantes para que se conheça melhor o surgimento no Vale destas paróquias e dois quadros comparativos: o primeiro com o número de batizados, casamentos e óbitos registrados desde os primeiros livros até 1980 (mapa comparati-



vo) e o segundo, com o número de livros pertencentes a cada uma delas. A paróquia do Santíssimo Sacramento foi fundada em 12.08.1833, (1) a de São Pedro Apóstolo em 25.04.1861, a de São Luiz em 31.07. 1873 e a de São Paulo Apóstolo, em 31.07. 1873. Com excessão do município de Gaspar, os demais possuem atualmente um número maior de paróquias e ao longo dos anos, muitas novas paróquias foram sendo desmembradas destas primeiras, porém os dados referentes ao número de batizados, casamentos e óbitos referem-se apenas a estas quatro, não considerando a soma das outras paróquias do mesmo município. Posto este limite devido à importância histórica destas quatro iniciais para a História Eclesiástica do Vale, o levantamento estatístico faz uma amostragem do crescimento de cada uma delas. Pela data de criação, a de Gaspar precede à de Brusque, mas no quadro comparativo está posta anteriormente devido aos registros que se iniciam em 1861. Quando chegou a Gaspar e, logo com a criação da Freguesia, Pe. Gattone começa a fazer as anotações de toda a região, incluindo Brusque e Blumenau, mas quando se transfere para Brusque os livros seguem com ele. Os de Gaspar, os primeiros são de 1867 com anotações do Pe. Antônio Zielinski. Preferi utilizar a numeração dos livros de origem, não obedecendo à ordem cronológica da criação das referidas paróquias.

Atualmente, os municípios de Itajaí e Brusque pertencem à Ar-

quidiocese de Florianópolis. Muitos livros de batizados, casamentos e óbitos estão arquivados no Arcebispado, principalmente os do século passado. Os demais se encontram nos arquivos das respectivas paróquias. Os municípios de Gaspar e Blumenau, pertencem à diocese de Joinville. Todos os livros de batizados, casamentos e óbitos estão arquivados nas respectivas paróquias.

No passado, os livros próprios de registro eram somente os originais, por isso mesmo alguns se encontram bastante danificados pela ação do tempo e, mesmo devido à qualidade da tinta utilizada, muitos foram restaurados para que não se perca esta fonte preciosa de dados. Atualmente, os registros são feitos em dois livros, dos quais um permanece na paróquia e o outro é enviado à sede da diocese respectiva. Com relação ao livro de óbitos, a maioria das paróquias não faz mais os registros pois no passado, como as igrejas possuíam cemitérios próprios, o controle do número de óbitos podia ser feito com maior precisão. Com relação aos livros de Tombo existentes em cada paróquia continuam sendo uma preciosa fonte de informação histórica. Feita esta introdução, alguns dados históricos são importantes para a compreensão do quadro estatístico:

#### 1 — Paróquia do Santíssimo Sacramento — Itajaí (12.08.1833).

Uma das salas da residência do Cel. Agostinho Alves Ramos foi destinada para funcionar como capela. Ali vinham rezar missa, esporadicamente, o padre

(1) O termo paróquia é mais recente. Anteriormente o termo Freguesia era o mais usado. As datas referem-se às Leis que criaram estas Freguesias.



- QUADRO ESTATÍSTICO - Nº 1 -

Paróquia	Nº Total da	Até 1870	1871 1880	1881 1890	1891 1900	1901 1910	1911 1920	1921 1930	1931 1940	1941 1950	1951 1960	1961 1970	1971 1980	Total
SS. Sacramento Itajaí 12.08.1833	Batizados	4056	1703	1971	3619	4708	6259	8626	10262	13126	21233	16823	4232	97.708
	Casamentos	577	322	444	656	716	1079	544	1762	2372	3764	2546	1705	16.487
	Óbitos	1089	1436	1866	1445	1255	1282	1655	1034	443	-	-	-	11.485
São Pedro Apóstolo Caspar 25.04.1861	Batizados	307	1200	1767	2187	2783	3428	4534	3324	4077	5464	4890	3165	37.226
	Casamentos	27	215	298	351	524	589	769	815	1094	1070	1038	4815	8.605
	Óbitos	102	395	543	389	328	395	434	691	622	579	-	-	4.478
São Luiz Brusque 31.07.1873	Batizados	1038	2616	3841	4894	4027	4180	3961	5470	6865	9848	6426	4122	57.088
	Casamentos	259	505	671	791	635	686	1049	1311	1940	2424	2347	3111	15.730
	Óbitos	285	193	-	-	448	622	574	639	1446	1351	1062	111	6.531
São Paulo Apóstolo Blumenau 31.07.1873	Batizados	111	1361	2847	3572	2752	2685	4208	6051	9217	16286	17086	7864	74.160
	Casamentos	17	267	486	585	455	541	923	1856	2335	3624	3459	3603	17.630
	Óbitos	-	-	-	64	344	355	625	949	1214	1632	733	290	6.206



- QUADRO ESTATÍSTICO - Nº 2 -

Paróquias	Criação	Livros de Batizados	Livros de Casamentos	Livros de Óbitos	Livros de Tombos
SS. Sacramento Itajaí	12.08.1833	65 (1820 - 1980)	23 (1834 - 1980)	7 (1839 - 1945)	4 (1895 - 1989)
São Pedro Apóstolo Caspar	25.04.1861	30 (1867 - 1980)	13 (1867 - 1980)	4 (1867 - 1960)	4 (1895 - 1989)
São Luiz Brusque	31.07.1873	38 (1861 - 1980)	18 (1861 - 1980)	5 (1861 - 1971)	4 (1895 - 1989)
São Paulo Apóstolo Blumenau	31.07.1873	53 (1869 - 1980)	24 (1869 - 1980)	4 (1895 - 1975)	4 (1876 - 1989)



de Porto Belo ou a cura de Armação de Itapocorói. Recitavam-se novenas dirigidas pelo coronel e sua esposa. Com a chegada de Frei Pedro Antônio de Agoste vindo do Rio de Janeiro para os cuidados espirituais dos moradores da redondeza, pensou-se em estabelecer no local um Curato (comunidade religiosa assistida por um capelão). Dirigiu-se uma solicitação ao bispo do Rio de Janeiro, à cuja diocese pertencia toda a Província de Santa Catarina. Neste pedido, são garantidas as condições materiais para o sustento do capelão e o compromisso dos moradores na edificação de uma capela para a celebração dos ofícios religiosos. Em 12.08.1833 é criada a Freguesia, mas só em 31.03.1834 sai a Provisão de criação do Santíssimo Sacramento de Itajaí, compreendendo todos os moradores entre o Rio Gravatá ao norte e o Rio Camboriú, ao sul. Frei Pedro Antônio de Agoste é nomeado capelão curado (2). Construiu-se uma capela sem torre com pequeno campanário anexo ao corpo da igreja entre 1837 e 1840.

Evidentemente não se edificara algo muito sólido, pois em Itajaí, na época, contavam-se cerca de 60 casas construídas de taipa, poucas eram rebocadas e caiadas. A primeira capelinha fora construída de pau-a-pique e barreada (3). Logo depois foi substituída por outra, de pedras, edificada por um escravo do Cel. Agostinho Alves Ramos, de nome Simão.

Em 1843 o Governo Provím-

cial socorre a igreja de Itajaí para levantar uma das paredes da construção que havia caído. Em 1849 a igreja está em tal estado que o vigário celebra missa em sua casa. Mesmo assim, não se comovem os responsáveis pela conservação da igreja. Era necessário que a ruína total viesse estimular os representantes do povo. Assim, em 1851 a igreja cai, sendo as imagens recolhidas na casa do coronel. Nova construção é realizada e no ano de 1855 a capela-mor estava coberta. Dois anos depois, o presidente do Legislativo lembra a necessidade de se concluírem as obras.

Apenas por volta de 1865 a obra estava concluída, servindo ao culto. Novas modificações são realizadas: o alargamento segundo os planos do arquiteto Reinhold Roemsck e a construção da torre em 1889. Houve também um acréscimo do batistério que se fez nesta mesma ocasião. Em 1920 surge novo melhoramento com o aumento da torre.

Em 19.02.1941 são lançados os fundamentos da nova matriz projetada pelo notável Simão Gramlich, que se tornaria famoso pela construção de imponentes igrejas como as de Venâncio Aires, Cruz Alta, São Bento do Sul, Gaspar, Rio do Sul entre outras. Em 1952 procede-se à bênção dos 4 sinos fundidos em aço adquiridos em Bockener-Alemanha e doados pela Cia. Malburg. Os artistas Aldo Locatelli e Emilio Sessa e mais dois italianos realizaram os trabalhos de pintura, Estrelas e capitéis das colunas e imagens

(2) Cf. Notas para a História e Corografia da Paróquia São Pedro Apóstolo (anexo do 1º Livro de Tombo de Gaspar, p. 5v).

(3) Cf. A Matriz de todos nós, edição comemorativa da paróquia de Itajaí, 1930. Importantes são os dados contidos na Provisão de 31.03.1824 arquivada na paróquia de Itajaí.



foram folheados a ouro importado da Itália. O talentoso E. Teichmann esculpiu em madeira a figura de Moisés, descendo da montanha com as tábuas da Lei. A inauguração da nova matriz de Itajaí aconteceu em 15.11.1955, presidida pelo Sr. Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira. (4).

#### **Paróquias desmembradas:**

Luiz Alves passou para a jurisdição de Blumenau, em 30.12.1896, e só mais tarde torna-se paróquia; Brusque é elevada em 31.07.1873; a de Penha criada em 1839 esteve anexada a Itajaí e desanexada em 12.01.1952; Navegantes criada em 1962; Ilhota criada em 31.05.1954; em 1968 criadas as paróquias da Fazenda (11.02), Cordeiros (18.02) São João ... (25.02.) e Dom Bosco (03.03.), todas no município de Itajaí.

**Livros Paroquiais:** 1) **Livros de Tombo:** existem 4 livros: 1º. (1896-1940), 2º. (1941-1963), 3º. (1964-1987), 4º. (1987...).

2) **Livros de Batizados:** existem 65 livros entre 1828 e 1980. Até 1895, encontram-se no arquivo do Arcebispado de Florianópolis. A partir do 8º. livro, os registros estão anotados em Itajaí. (5)

3) **Livros de Casamentos:** existem 23 livros entre 1834-1980. Até 1896, encontram-se no arquivo do Arcebispado de Florianópolis. A partir deste ano, estão no arquivo da paróquia de Itajaí.

4) **Livros de Óbitos:** existem 7 livros entre 1838 e 1945. Até 1891, encontram-se no arquivo do Arcebispado de Florianópolis. A partir do 5º. livro, estão no arquivo da paróquia de Itajaí.

2 — **Paróquia de São Pedro Apóstolo** — Gaspar (25.04.1861).

A vida religiosa em Gaspar começa na capela de São Pedro Apóstolo em Belchior Baixo, inaugurada em 29 de junho de 1850. Era uma construção de pau-a-pique, coberta de palmitos e ficava a 4,5 km rio acima da atual matriz. Esta capela era visitada por padres de Itajaí, Penha e Joinville, até que em 1860 o Pe. Alberto Gattone chega para atender religiosamente a população do lugar. Em 25 de abril de 1861 foi criada a Freguesia de São Pedro Apóstolo tendo sido instalada solenemente em 28 de julho do mesmo ano (6). Quando a capela estava precisando de grandes consertos, ficou resolvido que seria construída uma nova, no morro que o Dr. Blumenau havia doado aos gasparenses por documento particular de 02.04.1857 e por escritura pública de 13.10.1877. A nova capela é inaugurada pelo Pe. Gattone em 1867, quando então se transfere para Brusque (7).

Em fins de 1867 chegou a Gaspar o Pe. Antônio Zielinski, nomeado vigário, que ficou até meados de janeiro de 1870. Diversos padres atendem a paróquia até que em 1876, o Pe. Henrique

(4) Cf. registros da construção no 3º. Livro de Tombo.

Besen, J. Artulino, A Arquidiocese de Florianópolis, (1908-1983).

(5) As datas de cada livro de batizados, casamentos e óbitos não estão colocadas, pois o trabalho ficaria muito extenso. Preferi colocar o período entre as anotações do 1º. livro até 1980, limite da coleta de dados.

(6) Cf. 1º. Livro de Tombo da paróquia de Gaspar, fl. 53, nº. 107.

(7) Ao retirar-se para Brusque, Pe. Gattone leva consigo os livros iniciados em Gaspar. Embora criada em 1861, os dados de Gaspar são de 1867, data do 1º. livro. Sigo esta data, embora no livro original estejam termos de Gaspar.



Matz é empossado como vigário, a quem cabe a tarefa de providenciar a planta da nova matriz junto ao arquiteto Krohberger. O belo templo, construído em forma de cruz, em estilo romano, foi inaugurado em 1885, na festa de São Pedro. Em 1890 chega a primeira imagem do padroeiro. Pe. Matz morre em 1894 e os padres franciscanos assumem a paróquia até os dias atuais.

Em 06.08.1900, Frei Pedro Sinzig é nomeado vigário indo ocupar a casa paroquial terminada em 17.09. do mesmo ano.

Diversos sacerdotes contribuíram decisivamente ao longo da história religiosa de Gaspar em prol do crescimento material e espiritual. De 09 a 18 de outubro de 1910 realizaram-se as Missões que tiveram, na época, grande repercussão bem como outras que se realizaram posteriormente (8).

No dia 19.03.1935 realizou-se o lançamento e a bênção da 1ª. pedra do Salão Cristo Rei e a 27.10.1935 sua inauguração.

Em 08.04.1945 dá-se a bênção e lançamento da pedra fundamental da nova matriz, cujo projeto é de Simão Gramlich, recebida com alegria pela população que não mediu esforços para colaborar numa obra de tamanho vulto.

Na Páscoa de 1848 são colocados os primeiros vitrais, segundo projeto de Simão Gramlich e, em 03.05.1949 são colocados os 7 vitrais do coro, representando os "sete gozos de Maria",

de uma beleza excepcional, dignos de elogios até o presente momento. Em 11.02.1954 inicia-se a construção da imponente escadaria da matriz, com seus 117 degraus, terminada em 31.03.1955 composta de mais de 3.000 pedras de 1 metro.

A 03.05.1956, Dom Inácio Krause dá a bênção na nova matriz e, desde então, tem sido o cartão-postal da cidade e uma das mais belas construções religiosas do Vale do Itajaí.

**Paróquias desmembradas:** A única capela que tornou-se paróquia foi a de Ilhota (1954), mas fora entregue à responsabilidade do vigário de Itajaí em 30.01.1953 (9).

**Livros paroquiais:** 1) **Livros de Tombo:** existem 3 livros: 1º. (1895-1934) 2º. (1934-1983), 3º. (1983-...).

2) **Livros de Batizados:** existem 30 livros entre 1867-1981 (10). Todos se encontram no arquivo paroquial de Gaspar.

3) **Livros de Casamentos:** existem 13 livros entre 1867-1980. Todos se encontram no arquivo paroquial de Gaspar.

4) **Livros de Óbitos:** existem 4 livros entre 1867-1960. Todos se encontram no arquivo paroquial de Gaspar.

3 — **Paróquia de São Luiz Gonzaga** — Brusque (31.01.1873).

Com a chegada do Pe. Alberto Gattone em 1861 como primeiro vigário de Gaspar, Brusque começa a ser atendida também por este sacerdote, duas vezes

(8) Cf. anotações do 1º. Livro de Tombo da paróquia, pp. 63v-64v.

(9) Cf. anotações do 2º. Livro de Tombo da paróquia, pp. 48v, termo 5.

(10) Muitos registros são desde 1861, mas o real 1º. livro está arquivado em Florianópolis pertencente à Brusque. No quadro estatístico não aparecem, pois a data oficial adotada para os livros próprios é de 1867.



por ano. As funções religiosas eram realizadas num dos ranchos de imigração. No entanto, a insistência popular era muito grande para que se construísse uma igreja. Pela demora do Governo, os senhores Pedro Werner e Pedro Jacob Heil, em 24.05.1864 tomam a iniciativa da construção, sendo que dois anos depois inaugura-se a igreja na sede da colônia. A Portaria Imperial de ... 16.04.1867 funda a capelania. Pe. Gattone deixa Gaspar em 21.05.1867 e se transfere para Brusque definitivamente e a Lei 693 de .. 31.07.1873 formou com os distritos Colônia Itajai (Brusque) e Príncipe Dom Pedro, a "Freguesia São Luiz".

O Dr. Luiz Betim concretiza a bem amadurecida idéia da administração anterior: a da construção de nova igreja, uma vez que a primeira era pequena e inadequada. As obras, iniciadas em .. 21.06.1874 com o lançamento e bênção da pedra fundamental tiveram seu término em 1877 recebendo a bênção de inauguração. De tijolos, coberta de telhas, em estilo gótico, media 20 metros de comprimento e 16 de largura. A entrada, erguia-se uma torre com 25 metros de altura. Os senhores A. Bruns e Luebke foram o construtor e mestre de obras respectivamente.

Pe. Gattone trabalhou 22 anos em Brusque, tendo se dedicado com amor ao magistério e ao ministério pastoral. Com sua saúde debilitada seguiu para o Rio de Janeiro em 1882, onde faleceu a 28.01.1901. Outros sacerdotes que tiveram importância no prosseguimento dos trabalhos i-

niciais: Pe. Arcângelo Ganarini (1882-1886), Pe. João Fritzen .. (1886-1892) e Pe. Antônio Eising (1892-1904).

A partir de 1904 assumem a paróquia os padres Gabriel Lux e João Stolte, ambos da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, que permanecem até hoje. Diversos sacerdotes e trabalhos colaboraram para o crescimento espiritual dos fiéis. Em 1930, quatro grandes e sonoros sinos de bronze são trazidos da Alemanha para a matriz. O órgão, construído em Bonn pela firma Kleis é conseguido pelos esforços do Pe. Germano Brand. Aos poucos, no entanto, a idéia de construção de uma nova matriz vinha tomando vulto. Simão Gramlich vem a Brusque para um contato inicial, mas o projeto final escolhido é de Gottfried Boehm, quando de passagem por Blumenau é chamado à Brusque. Em 23.04.1953 acontece então a transladação da imagem de São Luiz à Casa São José, transformada em "matriz provisória". Demolida a Igreja, em 25.04.1955 é dada a bênção da pedra fundamental pelo Sr. Arcebispo Metropolitano Dom Joaquim. A nova matriz é construída de placas irregulares de granito cor-de-cinza, possui três naves, 16 colunas a sustentar a abóbada de 26,40 metros e um imponente pórtico, onde foram colocados os sinos. (11) A nova matriz de Brusque é de uma imponência maravilhosa e é dos marcos magníficos da moderna arquitetura religiosa.

**Paróquias desmembradas:** A de Botuverá, criada em 31.07.1912; a de Vidal Ramos, em 1951;

(11) Cf. Álbum do Centenário de Brusque, Catolicismo, do Pe. Elóy Dorvalino Koch, pp. 260-274.



Guabiruba em 1963; Dom Joaquim em 1969 e a de Santa Teresinha em 1974, estas duas últimas no município de Brusque. Azambuja não é paróquia mas Curato, criado em 01.09.1905.

**Livros Paroquiais:** 1) **Livros de Tombo:** existem 4 livros: 1º. (1895-1902), 2º. (1905-1931), 3º. (1931-1977), 4º. 1977-...).

2) **Livros de Batizados:** existem 38 livros entre 1861-1980. Até 1900, encontram-se no Arcebisado de Florianópolis. A partir do 9º. livro, estão no arquivo paroquial de Brusque.

3) **Livros de casamentos:** existem 18 livros entre 1861-1980. Até 1929 estão no Arcebisado de Florianópolis. A partir do 5º. livro estão no arquivo paroquial de Brusque.

4) **Livros de Óbitos:** existem 5 livros (1861-1879) e de (1904-1971). Os dois primeiros se encontram no Arcebisado de Florianópolis. Os do 2º. período estão em Brusque, entre os anos de 1931 a 1971.

4 — **Paróquia de São Paulo Apóstolo** — Blumenau (31.07.1873).

Em 1854 chegam os primeiros católicos a Blumenau, sendo 8 austríacos. Em 1864 dá-se a construção da primeira capela de pau-a-pique, dado o incentivo do Pe. Gattone que também atendia Blumenau. A 25 de janeiro de 1865 é celebrada a primeira missa e festa de São Paulo Apóstolo. De 1869 a 1871 o Pe. Guilherme Antônio Roemer reside em Blumenau. Em 1870, dá-se a construção de nova capela, agora de madeira.

Pela Lei Provincial nº. 694

de 31.07.1873 é criada a Freguesia de São Paulo, desmembrada de Gaspar. Em 1876 chega a Blumenau o Pe. José Maria Jacobs como primeiro vigário e em .... 24.12.1876 dá-se a bênção da nova igreja conforme planta do arquiteto Krohberger. O bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, a 08.02.1878 erige canonicamente a paróquia e a instalação do vigário.

Em março de 1892 chegam a Blumenau os primeiros franciscanos e a 22.05. a paróquia é colocada sob a responsabilidade destes, com suas 13 capelas. Cabe-lhes dar continuidade aos trabalhos pastorais iniciados com tanto fervor pelo Pe. Jacobs que retira-se para o Rio de Janeiro, onde vem a falecer.

Em 02.12.1923, dá-se a bênção da pedra fundamental para o aumento da igreja e a 15.08.1926 acontece a solene consagração da nova matriz pelo arcebispo de Florianópolis. Na Páscoa de 1927, dá-se a inauguração do órgão da matriz adquirido por Fr. Gabriel Zimmer e em 18.06.1928 a inauguração dos sinos. Em 1930 está pronta a nova torre da matriz com 33 metros de altura. Oito anos depois, são realizadas as Missões em Blumenau com grande sucesso. Uma missa de ação de graças marca a comemoração do cinquentenário dos trabalhos franciscanos na paróquia, em .. 03.03.1942. (12).

Em 24.05.1953, dá-se o lançamento da pedra fundamental da nova matriz de acordo com o projeto de Gottfried Boehm e três anos depois é dada a licença para a bênção de parte da cons-

(12) Cf. Centenário de Blumenau, Vida Católica em Blumenau, de Fr. Estanislau Schaette, pp. 260-273.



trução e demolição da antiga matriz. Em 01.12.1956 é feita a doação da madeira para a confecção dos bancos pelo Sr. Udo Schadrack. Também os vitrais da matriz, apesar das dificuldades, são inportados da Alemanha.

Em 25.01.1958 realiza-se na matriz a cerimônia de sua consagração e primeira missa pontifical por Dom Gregório Warmeling, mensagem de Fr. Bráz Reuter aos paroquianos. Em 05.04. o batistério está terminado e em .... 01.06.1963 dá-se a inauguração da torre e conclusão das obras.

**Paróquias desmembradas:** Rodeio, em 22.04.1900; Massaranduba, em 24.09.1911; Luiz Alves, em 31.07.1912; Jaraguá do Sul, em 10.09.1912; Ascurra, em ... 24.10.1912; Rio dos Cedros, em 08.06.1913; Indaial, em 28.02.1946; Fomerode, em 08.05.1965 e mais as paróquias de Blumenau: N.S. da Glória (Garcia), em .. 26.10.1961; N.S. Aparecida (I-

toupava Norte, em 08.05.1965; S. Terezinha (Escola Agrícola), em 10.11.1968; N. S. Imaculada Conceição (Vila Nova), em ..... 28.07.1970; Cristo Rei (Vilha), em 28.07.1970; S. Antônio (Garcia), em 04.01.1977; S. Isabel (Garcia), em 16.12.1981.

**Livros paroquiais:** 1) **Livros de Tombo:** existem 4 livros: 1º. .. (1876-1912), 2º. (1912-1924), 3º. (1924-1968), 4º. (1968-...). Os originais estão perdidos. Há duas cópias: uma na Biblioteca Pública e outra no arquivo da paróquia.

2) **Livros de Batizados:** existem 53 livros entre 1869-1980, incluindo os dos batizados realizados no Hospital Santa Isabel.

3) **Livros de Casamentos:** existem 24 livros entre 1869-1980. Todos se encontram no arquivo da paróquia.

4) **Livros de Óbitos:** existem 4 livros entre 1895-1975. Todos se encontram no arquivo da paróquia

---

## 160 anos de Imigração Alemã em Santa Catarina (1829-1989)

---

# DE VOLTA A SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

Frei Elzeário Deschamps Schmitt, OFM

---

**REPISANDO O PICADÃO DA SUADA HISTÓRIA** — Corridos sobre ele 160 anos, o caminho hoje está sem dúvida mais fácil. Do trevo da BR-101 em São José, tomamos a velha estradinha que se tornou larga, toda calçada de pedra viva. Do traçado colonial antigo, ampliou-se o desenho, cor-

taram-se algumas curvas, que brincam de esconde-esconde com o velho Maruí. Deslizando sobre pavimento lajeado, o turista na verdade trilha a antiga picada rural sepultada debaixo do progresso: à força de uso centurial, era o caminho "imperial" dos primeiros colonos não lusos a pisarem



o solo de Santa Catarina. Imita, em ponto modesto, o famoso "caminho real" dos desbravadores da Califórnia e do velho México. Sobre ladeando, ora mais perto ora mais longe, o Maruí antiquíssimo, agora magrinho, sobre esqueleto de pedras, à mostra pelo desgaste dos anos e do desmatamento secador de fontes. Mas parece imortal. Ainda serpeia vivo por ali, em galope doce, com rédea curta em alguns remansos de espuma, logo depois ruidoso novamente, rédea solta até a planície marítima, levando em suas águas gastas a carga sesquicentenária dos vetustos engenhos de farinha e açúcar, que a sua torrente, outrora mais vigorosa, canalizada uma porção de vezes, ativou durante gerações. Engenhos hoje apodrecidos ou já sumidos, responsáveis, anos sem conta, pelas pequenas indústrias artesanais colônia acima: alambiques, curtumes rústicos, dúzia e meia de tafonas, pilões socadores de casca ou grão, eles espadanavam azáfama — o barulhinho da vida do colono, todo misturado com mugidos, grasnadas, cacarejos, assobios de bem-te-vi, grunhidos e, naturalmente, chorinho de criança. O rio ativou até mesmo a pesada roda de madeira da primitiva usininha de eletricidade em São Pedro, para a luzinha piscapisca do arraial, que conseguia iluminar pelo menos as primeiras horas da noite, um pouquinho, um pouquinho. Em São Pedro de Alcântara.

Enquanto o visitante sobe, o riozinho romântico o acompanha em sentido contrário, ora à esquerda, ora à direita — cantante testemunha daquela aventura afdigada e cinza, levando para o mar infinito muito sonho desfei-

to, que as velhas cantigas alemãs, pejadas de romantismo, ainda procuravam animar. O Maruí antigo, da saudade secular, coleando entre pastos e bananais misturados de laranja, por entre hortas e jardins com cheiro de cravo e jasmim, visitando quintais, margeando cercas, espolinhando-se na paisagem salpicada de vida, não-chega-hoje-chega-amanhã, doce-mente — e olhe que há perfume de eucaliptos, de ingazeiras, de bergamoteiras e de coqueiros por ali. É o pastel exato, preparado para uma bucólica de Virgílio. "Sub tégmine fági — à sombra da faia." Não há faias, mas há chorões, e em tal clima o maior poeta romano podia fazer sonhar melhor ainda o seu amigo Títilo.

Hoje, moradias claras, refletindo a especial claridade dessa gente, oferecem vida já bem melhor na mantida paisagem. São os trinnetos e tetranetos dos pioneiros calejados de roça ingrata e ingratos governos. Hoje, para o vovô e a vovó que estão com vida, e para toda a sua progênie, loura gente que veste confecções de alegria e bom preço, os fios no poste, vieram trazer eletrodomésticos e televisão a côres, carne fresca no congelador e há, carro em alguma garage e motos à porta do bailão. Jardins dando abraço nas casas, terneirinhos no poteiro, o bem-te-vi tão à vontade como há 160 anos atrás, e no bambuzal a orquestra dos canários-da-terra, sempre bons de despretencioso canto, nas boas horas da tarde caindo mansas para a noite, deitadas em rosicler, cheirando a leite bom e queijo fresco, para se diluírem no algodão do crepúsculo, depois que o último marreco recolhido grasnou pela



última vez para dentro da noite de beatitude e dulçidão, ali, no feitiço colonial das tifas banhadas no verde mais bonito do mundo. Em São Pedro de Alcântara.

E ao chegar a nova manhã, tão igual às cinquenta mil outras, cedinho, quando a gente vai tirar leite, soltar os marrecos branquinhos, tratar os pintos amarelinhos, preparar as crianças para a escola, também se faz presente em São Pedro o imigrante mais novo, chamado joão-de-barro, ali totalmente desconhecido na minha infância. Desde que em São Pedro, tarde mas finalmente, se fincaram os postes para fios de luz, que são a base preferida para o mais engenhoso dos ninhos, subiu com eles também meu joãozinho alegre, trabalhador, divertido, inteligente e amigo. Foi este famoso respeitador dos domingos que deixou completa a paisagem. É barulhento, mas não sabe contar a história, pois foi o último que chegou. Quem sabia contar a história já está sepultado há muito tempo. E já houve em São Pedro nada menos do que três cemitérios, nos quais nem as cruzes nem os túmulos conseguiram preservar-se da fúria dos anos e do esquecimento dos homens. O campo-santo único existente hoje em São Pedro é o quarto. Não há nele vestígio nenhum de algum dos fundadores de 1829 que lá morreram. "Pro captu lectoris — para entendimento do leitor."

**ONDE ESTÁ O HISTORIADOR DA IMIGRAÇÃO?** — Em Santa Catarina, e até no Rio Grande do Sul, existem sobre a Imperial Colônia de São Pedro de Alcântara artigos em almanaques, revistas e jornais; existe

u'a monografia de 50 páginas; existe a Memória Histórica notável do Arcipreste Paiva; e temos sobre esta Colônia alguma pouca notícia na "História de Santa Catarina", de Oswaldo Rodrigues Cabral; em "Santa Catarina: Sua História", de Walter Piazza; em "Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier der Deutschen Einwanderung in Santa Catarina", de Gottfried Entres. Mas até agora a obra básica continua sendo o longo capítulo de 25 páginas, sobre a "Colônia de S. Pedro de Alcântara", no livro do engenheiro-agrônomo Jacinto Antonio de Mattos: "Colonização do Estado de Santa Catarina — Dados históricos e estatísticos (1640-1916)", editado em 1917 pela tipografia do jornal "O Dia", de Florianópolis, e do qual poucas bibliotecas e poucos particulares possuem algum exemplar.

Decorrido mais de um século e meio desde a chegada dos primeiros alemães ao nosso Estado, ainda não existe, sistematizada em livro, a história de toda esta colonização em todo o Estado, abrangendo, com ponto de partida em São Pedro de Alcântara, até os dias de hoje, a sucessiva fundação de todas as comunidades alemãs em Santa Catarina, quer das que continuam modestas, quer das que se transformaram em grandes centros. E releva assinalar — isto é importante — que nenhuma delas se encontra extinta. Pequenas ou grandemente desenvolvidas, todas continuam como núcleos de trabalho invejável, e até invejado.

Esta falta de historiadores, responsáveis pela notícia certa, dados corretos e datas sem erro, já nos ameaçou de equívocos,



Quando em 1979, com algumas promoção publicitária muito merecida, em São Pedro de Alcântara, apenas a 20 quilômetros de Florianópolis, o Governo do Estado e a população fizeram a festa memorável do Sesquicentenário da Imigração Alemã, mais ao norte do Estado o fato foi acolhido com alguma incrédula curiosidade. Constatou-se como é fácil confundir as coisas em Santa Catarina: aqui existem agrupamentos imigrados, pouco evoluídos, que possuem a precedência cronológica de sua chegada sobre outros agrupamentos, imensamente mais evoluídos, que chegaram depois, até mesmo 20 anos depois... Se à Imperial Colônia de São Pedro de Alcântara cabe a primazia cronológica sobre todos os outros grupos de alemães vindos para Santa Catarina no decorrer do século passado, o seu desenvolvimento ficou travado, desde o início, pelos próprios descertos da imperial política de colonização na Província de Santa Catarina. (Na Província do Rio Grande do Sul, quatro anos antes, a escolha do terreno e a assistência aos primeiros colonos alemães, ambas acertadas, produziram a cidade de São Leopoldo, desenvolvida e próspera.) Antônio Jacintho de Mattos, em seu livro, hoje raro, analisa com precisão o que realmente aconteceu com os colonos de São Pedro, literalmente desprezados e esquecidos pelo próprio Governo que mandara buscá-los, para executarem ali um programa imediatista, depois esquecido. Minha monografia sobre a Colônia de São Pedro de Alcântara, baseada em Mattos e em outras escassas fontes disponíveis, procurou repisar

este escabroso terreno histórico. Esquecidos os planos, foram esquecidos os colonos, assentados, além do mais, em terrenos totalmente impróprios, para começo de sofrimento...

#### **QUEM DESTRUÍU A MEMÓRIA EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA?**

— Se todo o projeto Colônia Imperial São Pedro de Alcântara resultou em mancha no Império, por culpa do Império omissivo até hoje, depois de um século e meio, o pouco que ali havia de memorável foi destruído também. Acinte, incompetência, desprezo? (Notemos que o distrito de São Pedro de Alcântara integra o município de São José.) De qualquer forma, uma agressão. E cometida tanto por pessoas do lugar como por autoridades que, de indústria ou por analfabetismo cultural, confundem progresso com destruição. Estamos num país em que o bufo demolidor das coisas sopra não somente sobre a natureza, mas também contra os monumentos da memória histórica dos lugares, até mesmo nos escondidos recantos do Brasil, onde então o poder de rezeiros, arbitrários e incultos, não aconselhados pelo respeito, mais estragos faz, arremetendo com o trator sobre um campo de boninas. E não precisa consultar o dono do campo. É onde o tempo implacável, também ele, se torna aliado da sanha do homem ingrato. A gente diz que as águas rolam, e as pedras ficam... Mas em São Pedro tem havido pessoas conjuradas até mesmo na destruição do que era delas próprias, e o poder municipal deu-lhes, complacente, a mãozinha do "progresso". Unidos, não



permitiram nem mesmo que nascessem flores entre as pedras que sobraram. É a caolhice cultural. E como é que uma professora do grupo escolar pode ensinar às crianças que elas precisam respeitar a história e a memória do seu lugar, para amarem o seu torrão, se nesse torrão "eles" destruíram até o pouco que havia, pois que não tinham amor no peito nem entendimento na cabeça? Sabemos que a siroco da destruição sopra sobre todo o mapa do País, mas em lugares pequenos ele cresta mais, porque ali já existe pouco. E com relação a São Pedro de Alcântara o fenômeno se apresenta mais grosseiro: a vila é pequenina e foi a primeira colméia de alemães no Estado.

Se é verdade que os arquivos eclesiásticos, pela sua fidúcia, abrangência e presença escrita desde o princípio, constituem das fontes históricas talvez a mais preciosa, em São Pedro de Alcântara esta fonte foi destruída, assim como destruíram ali, mais tarde, a outra fonte — a carioca histórica da pracinha, com seu inesgotável manancial. Em 1924, um vigário doente, com ato tão irresponsável quanto incompreensível, destruiu todos os livros da paróquia, reduzindo-os a picadinho de papel e cinzas. Quem ali buscar informações e datas, sobre seus antepassados ou fatos, tocando o período importantíssimo e longo entre 1854 e 1924 — 70 anos de paróquia — nada encontrará senão uns fragmentados assentamentos, relativos aos primórdios paroquiais. (O lugar se tornou paróquia, quando uma lei provincial de 1844 promoveu a vila à freguesia: Mas, na falta de

um sacerdote residente, os párcos de São José continuaram atendendo São Pedro de Alcântara até 1854, quando a comunidade recebeu seu primeiro padre residente, na pessoa do reverendo Mainolphe Traube. Pesquisas que se reíram aos moradores de São Pedro até o ano de 1854, devem ser feitas no arquivo paroquial de São José onde estão as anotações de batizados, casamentos e óbitos de inumeráveis cidadãos da nossa colônia, até 1854, quando São Pedro de Alcântara passou a ter livros próprios por sua vez destruídos, conforme já ficou assinalado, até os do ano de 1924.)

A destruição da memória escrita vem juntar-se a destruição da memória visual. Já disse que São Pedro de Alcântara, antes do seu cemitério atual, teve três outros cemitérios, todos os três destruídos, onde não ficou cruz, onde não ficou pedra sobre pedra. Sepulturas antigas, em todos os tempos e lugares, sempre oferecem referências históricas — nomes e datas, muitas vezes provas únicas. Não existe disso em São Pedro. Acresce que a devastadora razia nacionalista "à outrance" Getúlio Vargas/Nereu Ramos, de triste memória, mandava apagar até mesmo qualquer inscrição em língua estrangeira nas cruces dos próprios túmulos de famílias, que pela vetustez de suas raízes em solo pátrio eram mais brasileiras do que seus próprios perseguidores. Foi a insana xenofagia, hoje condenada pelos próprios historiadores nacionais, que já antes da Segunda Guerra Mundial, mas sobretudo depois de o Brasil ter entrado contra o "Eixo" (Hitler/Mussolini), soltou seus patrioteiros fardados, muitas vezes anal-



fabetos, pelo interior do nosso Estado à caça de nazistas imaginários: invadiam domicílios, arrancando dali tudo o que lhes parecesse "alemão", até as Bíblias e inocentes almanaques, vendo em qualquer livro o "Mein Kampf". (Na época, em Florianópolis, fui certo dia introduzido numa sala reservadíssima da então Biblioteca Pública, onde vi as estantes atochadas de livros apreendidos — pois essa "estranja" sempre leu mais do que a maioria dos nossos patriotas —, estantes onde podia haver no máximo dois ou três exemplares do livro de Hitler, senão outras baboseiras nazistas. Passada a tempestade, onde ficaram esses livros? A quem foram devolvidos?) Em São Pedro de Alcântara essa "limpeza" aconteceu em menor proporção: ali, nem mesmo integralistas havia. Mas aconteceu a violação das cruzes de cemitério, de encambulhada com as outras imposturas, de freio solto por um nacionalismo tão mal inspirado, que em vez de semear mais escolas, só amarguras semeava. Cada pessoa de nome germânico ou italiano era suposto inimigo da pátria. Também isto o colono de São Pedro de Alcântara teve que deixar correr sobre sua castigada vida, como outros tantos, para que na mesa do carrasco destruidor não faltasse a couve, a alface, o tomate e a manteiga do colono.

Ainda com referência à memória visual, não deve o estudioso da história ou o turista procurar em São Pedro qualquer presença do passado. Também ali, o ataque foi demolidor. É uma constatação confrangedora em época, como a nossa, tão alertada para a preservação dos marcos

históricos em lugares antigos. Na freguesia de São Pedro, se ainda existe alguma edificação do século passado está irreconhecível pela reforma ou apresentação moderninha. Nem isto causará admiração a quem se der ao sacrificado esforço de subir dali a Angelina, por uma estradinha tão histórica quanto ruim de chão e curvas: só neste percurso de 27 quilômetros, estão em ruína total, à beira da estrada, nada menos do que três empresas comerciais exauridas e abandonadas, as quais, construídas nas duas primeiras décadas do próprio século 20, açambarcavam todo o movimento produtivo e consumidor da região no seu tempo (Germano Kretzer — que já foi o maior "palácio" no município de São José; Egidio Gorges/Fridolino Schmitt; Chico Kretzer/Quiliano Kretzer).

Hoje, São Pedro de Alcântara é uma vila aprazível, como o foi no passado. Mas ela enterrou o passado, o que a torna infiel à sua própria história, hoje a quatro décadas do seu bicentenário. A reboque da onda preservacionista, com tombamentos e presções da mídia, que varre também o Brasil, constatamos a reação, em alguns casos tardia, contra as pessoas de limitado nível cultural que sobrepõem o "progresso", como elas o entendem, ao suposto "atraso" dos lugares históricos violados ou ameaçados. E quando tais pessoas estão com poder, destroem. E o fazem sem consultas sequer à comunidade.

Sucedem em São Pedro de Alcântara. Como em numerosas antigas cidadezinhas do interior, tínhamos ali também, na pracinha, uma "carioca" vistosa — um quiosque ou pequeno pavilhão de al-



venaria, com várias entradas, cobertura em cúpula, construída sobre uma grande torneira, com água trazida por um grosso encanamento, onde se bebia, da grossa torneira, ou aonde se corria a buscar para a cozinha. Em qualquer dia, mais aos domingos, era bom ponto de encontro para crianças e novidadeiras. Construída em 1919, a "carioca" foi destruída em 1940, sem que nada se deixasse para substituí-la, nem mesmo uma bica d'água.

Na mesma pracinha, há o desajeitado "obelisco", em má conservação, que sustenta as placas comemorativas do centenário (1929) e do sesquicentenário (1979) da imigração. "O monumento" está substituindo, para bem pior, um outro bem mais digno que ali se encontrava: alto arranjo original de pedra, rústicamente disposto, plantado sobre um pedestal de três degraus, rodeado, para defesa e ornamento, de correntes presas a colunetas de pedra nos quatro ângulos do conjunto. Era um monumento digno do centenário. Foi destruído. O novo, de duvidoso gosto e bem menor esforço, ostenta as duas placas. Diz a de 1929: EM VENERAÇÃO À PÁTRIA BRASILEIRA E AS VIRTUDES DE SEUS MAIORES, QUE AQUI SE ESTABELECEM HÁ CEM ANOS COMO PRIMEIROS IMIGRANTES ALLEMÃES OS DESCENDENTES AGRADECIDOS DESSES COLONOS FIZERAM ERIGIR ESTE MARCO COMMEMORATIVO Abaixo, encontra-se a placa mais recente: a que assinala os 150 anos da imigração, comemorados em 1979.

A pracinha histórica sofreu

ainda uma terceira desfiguração, mais afrontosa porque mais visível do que as outras. Na esquina em que se demoliu uma das últimas casas coloniais da freguesia, a que pertencera ao benemérito Augusto Deschamps (bisneto do patriarca Nikolaus Deschamps, co-fundador da colônia), o demolidor, um prefeito de São José, sem consultar a comunidade, fez construir o seu monstrinho do "progresso"; um grande caixão de cimento com vários andares, onde se instalaram vários serviços e umas salas de aula. Depoimento colhido junto a moradores afirma que esses serviços já estavam funcionando a contento em outros imóveis da praça, e que nas imediações da praça havia outros terrenos de sobra para a construção do "arranha-céu" do prefeito, onde não enfeitaria um chão histórico e não comprometeria a vista sobre a igreja matriz, esta sim, o monumento histórico realmente notável que São Pedro de Alcântara possui. São pontos de vista que podem ferir os pontos de vista de poderosos, que impõem os seus, e nunca mostraram interesse mínimo por preservar e promover, nem socialmente, nem turisticamente, tão histórico lugar dentro do município de São José. O disparate se acentua quando tomamos conhecimento de uma proposta, já feita (e ignoro se ainda mantida), de se instalar no primeiro "arranha-céu" de São Pedro de Alcântara uma "sala da memória"; isto é, depois de se haver destruído no mesmo lugar a casa antiga mais próximo para ser transformada em museu colonial. Instala-se a "sala da memória", no próprio local onde ela foi ferida. Será pelo menos



um desagravo a São Pedro de Alcântara.

### EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA, O QUE SOBROU? —

Creio que ainda há gerânios. Ainda há dâlias. E jardins com rosas, cravos e violetas. O sabiá ainda não foi embora. As casas continuam claras e riso-nhas como as crianças. O povo ainda enche suas igrejas e continua cantando bem. O Maruí ainda não cansou de correr para o mar, onde afoga seu marulho carregado de História até que o mundo acabe. No alto da igreja matriz, as brisas ainda bafejam a religiosa quietude das tardes. Cíciam pela rama tesa das araucárias, presentes nesse clima por um milagre solene, fazendo companhia aos hirtos pinheirinhos europeus, esticados para o céu, ali de guarda ao santuário do santo missionário espanhol, há tantas gerações no seu altar-mor, no burel da sua franciscana simplicidade, presidindo, na tormenta e na calmaria, aos destinos da sua sofrida gente. Sempre foi necessário um santo forte. O granizo arrasador dos trágicos temporais de 15 de abril e 13 de novembro de 1830, logo no primeiro tempo das sementeiras tímidas e choradas em tão imprópria terra, veio agravar pesos passados e temer os futuros — tudo o que caiu sobre o denodo inquebrantável daquela gente que fez o berço duma grande imigração. Inquebrantável?... Os que dali se foram — e quanta razão tinham! — eram substituídos por outros e mais outros no decorrer dos anos seguintes, os que vêm citados em cartas, em pesquisas familiares, em jornais, em revis-

tas e em afirmações orais como sendo de São Pedro de Alcântara, mas não constam do primeiro censo completo (1830), não pertencendo, portanto, ao grande grupo dos fundadores da colônia. Na monografia "A Primeira Comunidade Alemã em Santa Catarina", citei Lauro Mueller, Raulino Horn, Irineu Bornhausen, Felipe Schmidt (nascido em Lages), Gustavo Richard, Evaristo Arns, "todos de tronco inicialmente plantado em São Pedro de Alcântara". Embora o peso da afirmação esteja no termo "tronco", penitencio-me dela, enquanto os familiares ou descendentes, que são os mais interessados, não produzirem provas, se é que os preocupa sua genealogia.

Aqui, estamos fazendo apenas a evocação, para os 160 anos desta história.

Pelo censo de setembro de 1830, eram 522 pessoas. Em dezembro, eram 652 habitantes. Em 1847, o número subia para 742. Em 1854, ainda em pleno II Império, contavam-se na colônia 1.500 pessoas. Todos estes números incluem sempre colonos portugueses também, mesmo poucos, assim como duas ou três dezenas de escravos, a serviço de famílias que podiam mantê-los a seu serviço caseiro e de lavoura. O padre Huberto Watterkemper, atual pároco, calcula em 5.000 os habitantes do distrito, área geográfica de sua paróquia relativamente pequena, hoje impressada entre as paróquias de Santo Amaro da Imperatriz, Angelina, Antônio Carlos e o curato de Sant'Ana.

Cem anos e mais sessenta... Logo no segundo ano de sua existência atribulada, uma lei .....



(15/12/1830) cortava qualquer despesa com a "colonização estrangeira", quando nem mesmo os 160 réis diários prometidos a quem subisse àquele sertão supostamente "habitado" por índios (!) — o maior terror de um europeu —, lhes tivessem pago, nem mesmo um dia. Assim, dois anos eram passados desde a fundação, quando a colônia de São Pedro de Alcântara foi entregue à sua própria sorte. Até 1880, 50 anos depois, o Governo Imperial havia investido na colonização: 3.920:089\$232 para Itajaí e Brusque; 2.338:435\$557 para Blumenau; 542:090\$252 para Azambuja; 235:306\$938 para Angelina; . . . . . 263:465\$760 para Luís Alves; . . . 229:501\$730 para Santa Isabel (!); 242:601\$545 para Teresópolis (!). PARA SÃO PEDRO DE ALCANTARA: 28:220\$232. Sem comentário.

O Presidente da Província que mais defendia os colonos foi Miguel de Souza Mello Alvim. Tendo tomado posse em janeiro de 1830, já 12 dias depois visitava São Pedro de Alcântara, tornando-se, daí por diante, advogado ferrenho daqueles alemães junto às Côrtes no Rio de Janeiro. Mas nada conseguia, a não ser elogios à sua pessoa. . .

Num relatório com justas queixas pela demora que houve em alojar os colonos, conta Mello Alvim: "Eu, e todas as pessoas que m'acompanhárão ficamos abertos, e admirados de ver o trabalho immenso, e a incrível cultura, que aquella laboriosa e infatigavel gente tem feito em seis meses em hum terreno bravo, e no estado selvagem da natureza." Succediam-se cartas assim, remetidas ao Governo de Sua Majesta-

de, ou aos ministros responsáveis. Na petição de 3 novembro do mesmo ano, insistia: "... a fim de que alcançar do mesmo Augusto Senhor o beneficio de que tanto carece a Colonia Allemã de S. Pedro de Alcantara, cujos habitantes são bons e laboriosos, mas estão soffrendo as maiores miserias, por motivo que elles não tem culpa." Novamente em 14 de dezembro, agradecendo louvores; dizia amargurado: "Porém, Exmo. Sr., eu só mereço taes agradecimentos pelos meus bons mas estereis desejos."

Quinze anos depois destas queixas de Mello Alvim, vinha a São Pedro em primeira visita o pároco de São José, padre Joaquim Gomes d'Oliveira, o Arcebispo Paiva, que logo a seguir redigiu a sua famosa "Memória Histórica sobre a Colonia Allemã de S. Pedro d'Alcantara", publicada na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" em 1848, e na qual se fazem àqueles colonos bem altos elogios. Alça-lhes ao mais elevado degrau seu exemplo na prática da religião, e afirma: "... temos a ventura de possuir esta colônia, composta de indivíduos industriosos, pacíficos, amigos do trabalho, e que, longe de servir-nos de peso, pelo contrário tem concorrido em grande escala para o engrandecimento do País que abriu os braços para hospedá-los." E continua: "São estes os verdadeiros colonos de que o Brasil precisa."

### Misterinhas . . .

Louvados pelas autoridades locais, esquecidos pela Côte que os chamara, os colonos, geração por geração, os da primeira, os



da terceira e da nona hora, vêm mourejando em São Pedro de Alcântara. O termo cobre a verdade com perfeição: é que ser colono nas terras acidentadas e rochosas, sem várzeas, dessa região, significa trabalho de mouro.

Ajudando-se a si mesmos, os que ali ficaram e ali conservam até hoje pelo menos parte de sua descendência, escolheram professores, marceneiros, ferreiros, seleiros, pedreiros em suas próprias fileiras, e assim foram tocando seu carroção. Nem faltaram médicos...

Um dos idosos mais beneméritos dessa histórica memória teuto-catarinense — lamentando tudo o que se destruiu ali sem necessidade —, é Antônio Pedro Clasen, residente na freguesia, neto de Pedro Clasen, que foi um dos “intelectuais” em São Pedro (+ 1927). Com notável vivacidade de lembrança e vivo estilo de aluno inteligente, Antônio Clasen, hoje com 80 anos de idade, em 1979 escreveu, em caprichado caderninho, aquilo que ele chama de “antiguidades”, gostosamente comparadas, assim, a um velho baú de recordações. “Algumas antiguidades, que minha avó (Gertrudes Kehrig Clasen) me contava no meu tempo de infância... Escrevi esta antiguidade com muito trabalho. Por isso peço aos meus amigos que tragam bem zelado...” Um dos acontecimentos que a “antiguidade” alcantarinense relata envolve um Alfredo Staehlin, “formado em medicina”. (Deve tratar-se de um dos 9 netos do imigrante Arnold Alfred Staehlin, “naturalista”.) Peço vênias para transcrever a historietinha com pontuação e ortografia originais. Fala Antônio Clasen:

“Um dia teve uma briga entre duas pessoas, e acontece que um delles passa a faca na barriga do outro e corta uma tripa, ahí foram chamar o Snr. Alfredo, este convidou o seu filho Roberto (não seria Alberto?), e foram na casa aonde se achava o cortado, o Snr. Alfredo ezaminou o ferido, e convidou o filho para ir com elle, à procura de um formigueiro a qual formiga chamamos porco do matto, e por sorte encontraram, levaram uma vazilha e nesta botarão a formiga, e com a mesma fizeram a operação, o Roberto aguentava as duas pontas da tripa bem juntas, que estava cortada, e o pae com um alicate pegava a formiga, e quando esta morria com as garras nas pontas da tripa o Snr. Alfredo cortava a cabeça da mesma, e as garras faziam a segurança da tripa, assim pegaram tantas como foi necessário, e o homem ficou bom e viveu muitos anos...”

Fala em seguida do “Snr. Jacó Munich casado com dona Susana, sobrenome não recorde, ele era coveiro, gostava quando morria uma pessoa para ganhar aquelle trocadinho; e ella era parteira, já era ao contrário do marido, gostava quando era chamada para fazer o parto, um gostava quando nacia alguém e outro quando morria...”

Pela “antiguidade” desfila também um “sr. João Bohn, este era comerciante, morava onde hoje é a casa de Sisino Kretzer, este Snr. João Bohn certo dia teve uma descusão com um snr. por nome de Manoel Lajiano, então resolveram acertar as contas uma vez que se encontrassem, e certo dia o snr. João foi visto ir para Angelina, e o snr. Manoel vir pa-



ra baixo, mas não se encontraram, e deste dia em diante desapareceu o snr. Manoel, e foi condenado o Snr. João, que havia ter matado o snr. Manoel, mas snr. João afirmava que não encontrou com o desaparecido, mas a justiça apelou contra o snr. João e este sempre afirmava que não o havia encontrado, mas perto da Capella de Santa Barbara morava o snr. João Batista, e este é que matou o Manoel Lajiano, matou e carregou para perto da casa delle, e fez uma fogueira e queimou o mesmo, e os restos mortaes enterrou no quintal. Certo dia João Batista teve uma questão com sua mulher, e esta para se vingar deu parte a justiça, que o marido tinha matado o Manoel Lajiano e que tinha enterrado no quintal, e a justiça foi até lá e encontraram os restos mortais no quintal, conforme ella disse, então depois o snr. João Bohn viu se livre da questão."

O pequeno manuscrito de Antônio Clasen também fala de religião: "Pois não tinham Padre morando aqui em São Pedro, vinha Padre de outro local, então quando tinha noivos para casar tinham que aguardar a chegada do Padre, então tinha uma irmã da minha avó chamada Joaquina que era noiva, então sabiam mais ou menos, quando é que o Padre vinha fazer a visita, então o noivo já estava na casa da noiva, e como era no tempo de fazer farinha elle ajudou a fazer a mesma, e uma tarde elle estava sevando mandioca e a noiva na roça arrancando mandioca, ahí veio a noticia para elles ir a S. Pedro para casar, porque o Padre seguia viagem no mesmo dia, então minha avó foi chamar a noi-

va na roça, esta veio e vestiu um vestido de riscadinho e um lenço de chita na cabeça, e o noivo com calsa de riscado, e camisa de riscadinho vieram casar, depois de casados voltaram para casa, e continuaram o seu serviço que estavam fazendo na hora da chamada."

Outros casamentos em São Pedro foram mais dificultosos ainda. Antes de receber seu primeiro pároco residente (o que succedeu em 1854), e depois de aberta nova vacância (entre 1857-1860), alguns casamentos antigos eram feitos em São José, mais de 20 quilômetros a cavalo. Igualmente meus avós paternos, Nicolau Adão Schmitt e Ana Catarina Reitz, no começo da década de 1860, tiveram de sujeitar-se a esta viagem, para estarem na matriz de São José na manhã do dia marcado para a celebração de seu matrimônio. A roupa de cerimônia era a mesma: chita e riscadinho. Casados, voltaram a São Pedro, e na mesma tarde retomavam seu serviço na lavoura. Este era o costume.

Mas deixemos nosso cronista continuar. "Dificuldades de vender mercadoria. Os colonos carregavam as lavouras nas costas, então cada um levava 1/2 sacco de feijão ou 1/2 de batatinha, isto até São José, tudo por picada, vendiam o feijão e a batatinha, e com o dinheiro traziam 1 garrafa de kerosene, 2 cartel de linha, 1 selamin de sal, 3 a 5 paus de sabão, e se sobrava uns trocadinhos tambem vinha um pouco de tecido, depois de tempos já foi melhorando, já deu comprar animaes, já trabalhavam com cargueiro, alguns já tinham até 9 cargueiros, o meu bisavô



Estevão Koerich era um delles, outros que eram mais pobres pediam emprestado do visinho, e assim por diante, um dia aconteceu que Estevão Koerich levou o preto Rafael junto, para trazer os cargueiros de volta, porque o snr. Estevão não voltava naquelle dia, então o snr. Nicolao Schmitt vinha com o escravo Rafael e disse para o mesmo: mas o teu snr, tem coragem de mandar 8 cargueiros contigo, o Rafael respondeu ao snr. Nicolao: isto não é nada, quantas vezes venho só com 3 ou 4; mais tarde já viajavam com carros de bois daqui a São José, mais ou menos a 65 annos atraz já viajavam com carroças nesta estrada."

Dez anos faz que Antônio Pedro Clasen deixou estas memórias, infelizmente curtas, tiradas da lembrança de um filho da terra 150 anos depois de fundada a colônia. Tornou-se o segundo cronista do lugar, primeiro núcleo de imigrantes não lusos em Santa Catarina. Quem, sabe, um dia virá dali o verdadeiro historiador de São Pedro de Alcântara, para deixar na estante da História de Santa Catarina esta epopéia de sofrimento e resistência. Pois as águas rolam e as pedras ficam... Mas entre as pedras sempre nascem flores. Não vamos destruir estas também, para que a ingratição dos anos não carregue também as belezas ainda presentes aos olhos ainda abertos para vê-las.

**OS "ALCANTARINOS" EM SANTA CATARINA E EM OUTRA PARTE.** — Considero-os inconfundíveis. São geralmente de porte elevado, e naturalmente louros, fortes de fisico e de âni-

mo, muito comunicativos, falam claro e alto — um linguajar de inflexão bastante "cantada", na maioria deles sem sotaque nenhum. Isto causou muita admiração à reporter de um jornal de Florianópolis que em julho passado levei a São Pedro para um trabalho sobre a colônia, surpresa que ela fixou na reportagem ("Jornal de Santa Catarina", ... 25/7/89, p. 15). No Brasil sempre ainda há pessoas que vêm na totalidade das comunidades de origem germânica pequenas Alemanhas. O "alcantarino" também canta bem, admiravelmente. Basta o turista ir à missa dominical. Canta bem, mas também entoa. Em São Pedro, as festas são festas mesmo. O galpão há de ser enorme, o balcão há de ser comprido, o prato há de ser fundo. Na Festa do Colono e na Festa do Padroeiro há no pequeno lugar uma afluência tal, que eles mesmos não explicam os caminhos que ali despejam tamanha movimentação. Passados 160 annos, em São Pedro também já não há pessoa que se apresente remendada. A terra acabou dando pano para uma boa apresentação, totalmente. Como conseguiram deve ser segredo duma filosofia própria deles. Talvez da coragem, aliada à fé. As crianças, além de bonitas, estão enfeitadinhas. As jovens, fiéis ao gênio da raça, trazem a alegria esvoçando ao sol, dá o que der. E o modelinho que vestem ajuda. Tem havido tentativas de exhibir trajes típicos, a pretexto de danças típicas, em festas muito especiais. Mas é produto de importação: em São Pedro não havia disto no passado, já porque não havia na terra dos ancestrais ale-



mães, gente saída de lavouras pobres e de pequenas vilas da região do rio Mosela. Trajes típicos, como os exibidos, por todas as idades, na Baviera, no Tirol, em regiões da Itália, da Polônia, da Ucrânia e de Portugal, por exemplo, enfeitam qualquer festa em qualquer lugar, embora todos saibam que, tanto as danças quanto os trajes, raras vezes foram trazidos pelos antepassados europeus da respectiva comunidade. Daí porque, sendo mero enfeite de festas populares, tais conjuntos viajam pelo País, como os cantores e instrumentistas de música americana, como os CTGs (Centros de Tradições Gauchescas) existentes por toda a Santa Catarina, mas de catarinense nada apresentam. (Os catarinenses, teríamos música típica, dança típica próprias nossas? Aliás, o que é "típico", quando não é importado ou enxertado?)

Em São Pedro de Alcântara, também os rapazes, hoje, puxam para o trivial. Em roupa, são bem menos exibidos, sem pretensão mínima, ao contrário da rapaziada de antigamente, bem mais vaidosa que era. Se distinção social é estar encarapitado em moto, própria ou alheia, quanto mais isto é representativo em lugar pequeno, onde jovem guiando carros já não é maravilha, mesmo onde o asfalto ainda não entrou. Isto não diz que a totalidade dos automóveis e das motos em exposição à porta dos salões de baile são do lugar. No entanto há uma grande diferença entre o colono aboletado, com mulher e crianças, numa velha carroça e o que se instala, com a mesma carga, ao volante de um automóvel lúcido lavado no sá-

bado. Cento e cinquenta anos depois, o tetraneto do primeiro. Tudo o que já foi um dia agora está pinchado no acostamento da velocidade. Mas em São Pedro, como em outras geografias catarinenses, convivem os anacronismos: as estradinhas de terra, estreitas, sinuosas, encapoeiradas, perigosas, realmente não ajudam... E, 160 anos depois, há ônibus balançando por essas misérias governamentais. É a gratidão da pátria.

Contingências históricas, já descritas e lamentadas, fizeram de São Pedro de Alcântara um lugarzinho condenado a borralheira. No entanto, sacudiu as cinzas, com seu próprio ânimo de resistência. "Last but not least", é hoje um lugar muito agradável. De gente agradável, folgazã, contente. O que sabem os pentanetos das amarguras de seus antepassados? E a colônia-mãe de quantas comunidades germânicas existem no Estado, tão encolhida a princípio, no desenrolar das gerações conseguiu abrir-se em leque. "Forneceu" material humano, quer para a fundação de núcleos novos, quer para o desenvolvimento de outros para o sul e para o norte. Mesmo para fora do Estado, gente que leva no solado o pó do berço de seus avós, e que venceu, se fez e avançando vai. Desconheço, infelizmente, a irradiação de outras famílias tradicionais da colônia. Várias dessas devem possuir familiares diretos, também elas, no vasto mundo que se tornou aldeia. Até do meu modestíssimo estame, da velha São Pedro sofrida e cantante, "tem gente" morando hoje não apenas nas grandes cidades brasileiras, mas até — e com perdão para a



modéstia — em Paris, Londres, Bogotá, USA. Mesmo na Alemanha Federal, como que voltando às raízes. Quem diria?

Na raiz, trata-se de apelos legitimamente e honrosamente humanos. O conde Leo Tolstoi,

o maior gênio épico da literatura universal no século 19 (ele nasceu no ano em que os fundadores de São Pedro de Alcântara chegaram ao Desterro), dizia: "Se queres ser universal canta tua terra!"

---

Nota do autor. / A literatura básica por ora publicada sobre a Colônia de São Pedro de Alcântara, fora artigos ou reportagens, com dados exatos ou menos exatos, em jornais e revistas, vem arrolada na edição de julho passado da revista "Blumenau em Cadernos", página 207.

---

## Aconteceu...

Outubro — 1989

Dia 1º. — De acordo com relatório do Serviço Municipal de Trânsito, foram registrados, durante o mês de agosto último, 312 acidentes de trânsito, sem vítimas; outros 38 acidentes com vítimas, dos quais resultaram 58 pessoas feridas e duas vítimas. Do total de 150 acidentes em agosto, 12 foram atropelamentos, 105 colisões, 95 choques, um tombamento, quatro precipitações e outros três tipos diversos.

Segundo ainda o relatório, assinado pelo chefe do Serviço, Tte. Olímpio Menestrina, foram envolvidos nos citados acidentes, quinhentos automóveis de passeio, onze camionetas, vinte e três ônibus, noventa e dois caminhões, cinquenta motocicletas, uma bicicleta, um trator, totalizando 680 veículos.

\*\*\*

DIA 3 — Até este dia, já haviam sido imunizadas contra a meningite, em Blumenau, nada menos do que 22.159 crianças residentes em Blumenau.

\*\*\*

DIA 3 — Foi inaugurada às 15 horas, a Escola Municipal de Ensino Supletivo. A solenidade foi presidida pelo prefeito Vilson Kleinubing e realizou-se naquela escola à rua Sebastião Cruz, 38.

\*\*\*

DIA 4 — O Hospital Santa Isabel, um dos mais conceituados nosocômios do Estado de Santa Catarina, completou seus 80 (oitenta) anos de atividades no atendimento à comunidade de todo o Vale do Itajaí. Durante este período, o Hospital Santa Isabel passou por di-



versos melhoramentos, como ampliação de seu campo de atendimentos e a diversificação de especialidades médicas e de radiologia. O acontecimento foi registrado com alegria pelos que desenvolvem suas atividades ali.

\* \* \*

DIA 6 — Foi aberta solenemente a 6ª. Oktoberfest em Blumenau. O acontecimento foi marcado com retretas e outras atrações, abrindo-se, à noite, os pavilhões da PROEB para o tradicional PROSIT!

\* \* \*

DIA 8 — O Grupo Teatral blumenauense RIBALTA, representou Blumenau neste dia, com uma apresentação na Segunda Recreart, em Canelinha. Foi apresentada a peça infantil "Hoje Tem Marmelada", além de show de mágica com os irmãos Russi.

\* \* \*

DIA 10 — Uma Feira de Livros e uma Exposição de Arte, tiveram abertura oficial, no Conjunto Educacional "Pedro II", para comemorar os cem anos daquele educandário. Diversas outras atrações, marcaram o evento, até o dia 14.

\* \* \*

DIA 17 — Segundo relatório encaminhado pelo Departamento de Agricultura à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, relativo às atividades desenvolvidas na segunda semana de outubro, a vacinação contra a febre aftosa está sendo feita de propriedade em propriedade, em todo o Município de Blumenau. Nas duas primeiras semanas da campanha, foram vacinados 5.000 bovinos, cujo trabalho teve o apoio da CIDASC. O posto de piscicultura de Tatutiba III iniciou a entrega de 15.000 alevinos de carpa. Já o posto de suinocultura da Itoupava Rega, atendeu 449 criadores de suínos, com o fornecimento de 767 reprodutores das raças Landrace, Large White Dorce, ao longo do período de janeiro a setembro. Os micro-tratores prestaram serviços com 6.784 horas de trabalho de aração, gradeação e roçada, em 2.180 propriedades, naquele mesmo período.

\* \* \*

DIA 22 — Como resultado do concurso que teve sua duração durante os festejos da Oktoberfest, foi apontado o vencedor, na figura de José Ricardo da Silva, de Blumenau, tornando-se o campeão do Concurso Nacional de Tomadores de Chopp em Metro, realizado no pavilhão "B" da PROEB. O vencedor acima citado bebeu os aproximadamente 700 ml da tulipa de um metro no tempo de 15 segundos e 93 décimos. Na categoria feminina o primeiro lugar coube à Roselaine da Silva, também de Blumenau, com o tempo de 17 segundos e 49 décimos. Os vencedores receberam como premiação, troféus, canecos de cristal e medalhas.



DIA 26 — Foi aberto no SENAI, à rua São Paulo, o Primeiro Seminário Regional de Educação Pré-Escolar do Vale do Itajaí, promovido pela Secretaria de Educação da Prefeitura, através do Departamento de Psicopedagogia e Divisão de Educação Inicial. A abertura, às 8,30 horas, contou com a presença do prefeito Vilson Kleinubing.

\* \* \*

DIA 28 — Iniciada que foi no dia 18, foi encerrada neste dia, na Espaço de Artes Açu-Açu, a exposição coletiva de Célia Ceschin, Flávia Malburg de Figueiredo e Mario Timm. A exposição foi muito visitada durante o período em que esteve aberta.

\* \* \*

DIA 28 — Com 221 pontos conquistados, Blumenau conquistou o título de campeã dos 29º. Jogos Abertos de Santa Catarina, realizados em Joaçaba. Este foi o 23º. título consecutivo conquistado por Blumenau. E neste ano, assegurou para si nada menos do que onze troféus. O segundo lugar coube a Florianópolis, que marcou 182 pontos.

\* \* \*

DIA 31 — Presidida pelo prefeito Vilson Pedro Kleinubing, foi realizada a cerimônia de inauguração, no período da tarde, do Centro Social "Cláudia Rosane", localizado no bairro da Velha. A construção possui uma área de 304 metros quadrados, beneficiando principalmente a comunidade de sete loteamentos da região, com atendimento inicial de até 100 crianças na faixa etária de zero a seis anos, oferecendo ainda berçaria de segunda a sexta-feira.

\* \* \*

DIA 15 — O Clube Náutico América, participando no 9º. Campeonato Brasileiro de Remo Juniores, em Porto Alegre, conquistou o Vice-Campeonato Brasileiro em Outrigger a 2 remos sem timoneiro, com os remadores Robinson Luiz Wuerges e Guido Daniel Guenther.

\* \* \*

DIA 23 — Nos 29º. Jogos Abertos em Joaçaba/Erval Velho, os mesmos remadores ficaram outra vez Vice-Campeões; o Singlista Walfrid Zimmermann também, e os remadores Rafael Meyer e Carlos R. Volles ganharam Medalhas de Bronze.

\* \* \*

DIA 29 — Na XI COPA SUL DO REMO em Florianópolis, a guarnição do OITO — GIGANTE, formada pelos remadores Robinson



Wuerges, Guido Guenther, Valdo Ohrt, Odair Sasse, Vladimir Pecheco, Teófilo Radoll, Adair Wiggers, Genuino Wiggers e o timoneiro Fábio Ohrt, ficaram Vice-Campeões no barco "Hermann Hering II". A Diretoria americana e os blumenauenses sentem-se orgulhosos destes ótimos resultados obtidos por remadores todos amadores, e por treinadores não remunerados, como Hans J. Post e Walfrid Zimmermann, de um Clube sem Sede há 13 anos, e com apenas 42 sócios.

\* \* \*

### Novembro de 1989

DIA 1º. — Segundo dados estatísticos fornecidos pelo Prefeito Wilson Kleinubing à imprensa, o total arrecadado na VI Oktoberfest foi de NCz\$ 6.552.520,84, sendo NCz\$ 4.534.856,97 de despesas e um lucro de NCz\$ 2.017.663,87. Segundo ainda a informação, o público marcado pelo placar, foi de 954.692 pessoas; foram vendidos 700.398 ingressos, e 763.050 litros de chopp. Disse ainda o prefeito que foi debitado contra a PROEB 50 por cento do lucro para as despesas que a Prefeitura teve com os investimentos feitos no próprio parque da PROEB. E com o restante um milhão de cruzados novos a Prefeitura passou a construir creches e escolas para a Comunidade blumenauense, enquanto que a PROEB, com o saldo que lhe sobrou, passou a aplicar na rede de água, energia elétrica, adaptação do pavilhão "C" para festas, aumentando a sua entrada um tanto baixa, assim como outras tantas melhorias.

\* \* \*

DIA 1º. — Com uma entusiástica manifestação popular, foi recebida, nesta manhã, a delegação de atletas e dirigentes que participaram dos 29º. Jogos Abertos de Santa Catarina e conquistou, para Blumenau, mais um título de campeã. O prefeito Wilson Kleinubing e o vice-prefeito Victor Fernando Sasse, lideraram as manifestações e cuja recepção oficial deu-se no Biërgarten, após o desfile pela rua 15 de Novembro.

\* \* \*

DIA 3 — Relatório entregue ao prefeito Wilson Kleinubing, aponta o número de 1.946 as consultas realizadas pela comunidade na Biblioteca Dr. "Fritz Müller" durante o mês de outubro. No mesmo período, foram feitos 716 empréstimos, sendo a maior procura a de generalidades e ficção, literatura, ciências puras e ciências aplicadas.

\* \* \*

DIA 6 — A partir desta data, foi iniciado, no Centro Social Urbano do bairro Fortaleza, o atendimento médico noturno, sendo este o segundo, já que o primeiro deste serviço, foi iniciado no Centro Social Urbano do bairro Garcia, à rua da Glória. Em ambos os locais, o atendimento à comunidade, colocado à disposição pela Prefeitura, é feito das 19 às 23 horas de segunda, à sexta-feira.



DIA 17 — Foi aberta a Primeira Feira de Ciências da Rede Municipal de Ensino, a Primeira Mostra Blumenauense de Informação Profissional e a Primeira Coletiva de Arte, promovidos pela Secretaria de Educação da Prefeitura. O evento aconteceu no Pavilhão "A" da PROEB.

\* \* \*

DIA 12 — No Teatro Carlos Gomes, com o apoio do mesmo Teatro, do Departamento de Cultura da Prefeitura, da Fundação "Casa Dr. Blumenau", da Pró Música e da União FM, realizou-se o espetáculo "Concertos Matinais" — Série Jovens Concertistas, sob a direção da Escola Superior de Música de Blumenau. O espetáculo teve lugar no auditório "Heinz Geyer", com boa presença de público.

\* \* \*

DIA 18 — Às 11 horas, na rua Henrique Reif, bairro Fortaleza, realizou-se a solenidade de lançamento da pedra fundamental da Associação de Pais e Amigos do Menor — APAM, bem como o ato de assinatura de convênio, para a execução da obra, entre a Fundação Maurício Sirostky Sobrinho, a Federação Nacional das APAES, Regional de Santa Catarina, Associação de Moradores Progressistas do Morro do Abacaxi e a Associação de Pais e Amigos do Menor. À solenidade estiveram presentes numerosas autoridades, inclusive o prefeito municipal, além de representantes da Fundação Maurício Sirostky Sobrinho. O fato foi bastante festejado pela população daquele bairro Blumenauense.

\* \* \*

DIA 22 — Sob os auspícios da Prefeitura de Indaial, da Fundação Indaialense de Cultura e a Biblioteca "Cruz e Souza", realizou-se o lançamento do livro de poemas de Wilmar Marcos Harbs, com ilustrações de Mário Holetz — fotografias. O acontecimento teve lugar na Sociedade Recreativa Indaial e contou com numeroso público que foi prestigiar a iniciativa, tendo o conhecido e aplaudido poeta sido bastante festejado pela sua obra, intitulada NA PROA DO AMANHECER.

## Dois autores beneficiados com a Lei 7.505

Quinta-feira, dia 23 deste mês de novembro, teve lugar uma agradável reunião de numerosas pessoas convidadas, no recinto da Casa da Cultura, numa promoção do Departamento de Cultura da Prefeitura e da Fundação "Casa Dr. Blumenau", para a noite de autógrafos e mais uma edição do Projeto Letra Viva.

A noite de autógrafos, reu-

niu aos presentes, as figuras de dois escritores que tiveram seus livros editados pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", com incentivos da Lei 7.505.

Trata-se dos escritores Didio Pereira, com seu livro "Villa Buenos Ayres" e o Professor Ewald Trierweiler, com sua excelente obra "Odisséia no Contestado".

Ambos os autores foram mui-



to festejados pelo que produziram, tendo também participado da sessão do Projeto Letra Viva, que esteve bastante movimentado.

Os benefícios recebidos pelos dois autores para a edição de seus livros, foram resultantes de uma doação feita pela Gráfica 43

S/A., em 1988, à Fundação "Casa Dr. Blumenau", com a condição específica das mesmas edições, o que foi cumprido e agora surgiram, então esses dois magníficos trabalhos literários que vem agradando plenamente aos leitores de Blumenau e de toda a nossa região.

## Conselho Curador se reúne para ouvir o Secretário do Planejamento

No dia 1º de novembro, o Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau" convocação pelo sr. presidente, reuniu-se extraordinariamente para ouvir a palavra do Secretário do Planejamento, Dr. Paulo da Costa Gouvêa, a respeito das negociações que estavam em andamento para a desapropriação da área de terra em que a Construtora Freschal pretendia construir um prédio.

A referida área, situada em extrema com terras da Fundação, ocupada pelo Parque Botânico "Edith Gaertner", é um local que fixa memória histórica, pois está integrada no conjunto que pode ser considerado como o berço do nascimento da cidade, ou o "Stadplatz", como denominavam os colonizadores.

A palavra do Secretário do Planejamento, trouxe aos srs. Conselheiros tranquilidade no sentido de que tal área preservada de futuras construções, mesmo que para isso fosse necessário o sr. prefeito municipal decretar considerando de utilidade pública para futura desapropriação.

Justifica-se a preocupação dos srs. Conselheiros, na preservação de tal área, porque, como reunião nove.

se sabe, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" tem necessidade de iniciar, em breve, uma nova construção, de apenas dois pavimentos, para ser ocupada pelo projetado Museu Histórico da Indústria, assim como pelo Museu de Informática e o Museu da Imagem e do Som.

Em face do crescimento constante dos acervos da Biblioteca Pública e do Arquivo Histórico, está se tornando necessário fazer-se uma expansão do espaço físico para ambos os setores. E, nestas condições, construído o referido prédio, que ocuparia justamente a área ora desapropriada, transferir-se-ia para o mesmo o acervo do Arquivo Histórico, com maior espaço, reservando-se então o espaço ora ocupado pelo Arquivo, para ser utilizado na ampliação da Biblioteca.

A reunião do Conselho Curador junto com o sr. Secretário do Planejamento teve a duração de uma hora e trinta minutos, com proveitosa troca de informações, justificando-se, por isso, plenamente, a medida da convocação extraordinária do referido Conselho. Dos onze conselheiros que o compõe, estiveram presentes à



## NOSSA MENSAGEM

Mais um ano se passou na trajetória de "Blumenau em Cadernos". Esta revista está atingindo, neste ano de 1990, os seus 33 anos de circulação mensal ininterrupta.

Este ano que se finda, representou, para nós, mais uma etapa proveitosa na consolidação, cada vez mais acentuada, do acervo histórico de nossa cidade e da região do Vale do Itajaí, com acentuados reflexos em todo o Estado de Santa Catarina.

\* \* \*

Cabe-nos, por isso, em primeiro lugar, agradecer às empresas e pessoas físicas que, no princípio de 1989, contribuíram financeiramente para que pudéssemos fazer um estoque de papel que possibilitou chegarmos a esta edição de novembro/dezembro sem maiores problemas.

É com as citadas empresas e pessoas que queremos continuar contando neste alvorecer de 1990, além de outras mais que se disponham a doar alguma importância para garantir as edições de "Blumenau em Cadernos".

\* \* \*

O nosso segundo agradecimento é para aquelas pessoas que, roubando um pouco de seu tempo e de sua tranquilidade, têm se atirado a cansativas pesquisas para trazerem sua contribuição com fatos importantes no contexto histórico em geral. Tais colaborações sempre têm enriquecido as páginas de nossa revista; por isso vai aqui o nosso muito obrigado e o apelo para que continuem a colaborar conosco.

\* \* \*

Na qualidade de editor da revista, e, com o exercício das funções de diretor executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau", também cumpre-nos, com prazer, agradecer ao nobre Conselho Curador — o anterior e o atual que sofreu poucas alterações — pelo apoio que temos recebido e os votos de confiança no nosso trabalho. São os srs. Conselheiros que, com sua força representativa no seio da comunidade blumenauense, que nos proporcionam os meios e o entusiasmo para o desenvolvimento do nosso constante objetivo: fazer o melhor possível.

\* \* \*

Aos nossos assinantes, cujo número tem crescido nestes últimos anos, devemos a satisfação de saber que nossa





revista é lida e aplaudida, de acordo com inúmeras manifestações de apoio e axaltações que temos recebido com frequência. Mas, se uma ou outra vez houver razão para crítica, que o façam construtivamente, que buscaremos corrigir quaisquer erros que possamos cometer no nosso empenho para fazer o melhor.

\* \* \*

É com muita alegria que fazemos um registro especial à nova administração blumenauense, constituída em tão boa hora pelos srs. Prefeito Dr. Vilson Pedro Kleinubing e seu vice-prefeito Dr. Victor Fernando Sasse, pelo apoio que desde sua posse, teve a Fundação "Casa Dr. Blumenau", prestigiando sobremaneira a todas as iniciativas culturais da cidade. Este apoio muito nos honra e nos dá o estímulo necessário às realizações que, em prol da evolução cultural e da preservação histórica haveremos de levar avante. O nosso agradecimento pelo que temos recebido do poder público municipal nestes onze meses de sua gestão. Este agradecimento se estende a todos os assessores da atual administração municipal que, seguindo o exemplo do chefe do Executivo, não têm faltado à mais ampla colaboração para com esta instituição pública cultural.

\* \* \*

Finalmente, queremos agradecer a colaboração eficiente que temos recebido, durante o corrente ano de 1989, de todos os servidores desta Fundação, sem exceção alguma. E não podemos realizar trabalho tão diversificado sem a contribuição profissional dos que conosco atuam nesta instituição.

\* \* \*

Para finalizar, resta-nos renovar a todos os que aqui citamos como participantes do nosso trabalho, o nosso profundo agradecimento, com os votos a todos para que, pessoalmente este Natal lhes seja muito feliz na companhia de seus entes queridos e que o Ano Novo lhes traga uma sequência agradável de realizações e muita alegria, como bênçãos celestes emanadas da memória Daquele que, pelos caminhos desta terra, deixou a mensagem mais sublime para o entendimento da humanidade: Paz e Amor!

**José Gonçalves - Editor**



## ÍNDICE

A biografia de um descontente imigrante e um brasileiro .....	02
O Dr. Eento Fernandes de Barros — Antônio Roberto Nascimento	04
A visita do Herdeiro do Trono Brasileiro a Blumenau — extraído do jornal "Der Urwaldsbote" .....	05
O Progresso da agricultura e de outras atividades em Blumenau desertos por Jornais da Colônia .....	06
Um documento que originou a nomeação de Eduardo Hoerhann para o serviço de pacificação dos índios em Ibirama .....	13
Subsídios históricos — coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	14
A preocupação com a ecologia há 50 anos .....	15
Das sagas ou histórias dos índios Kaingangues e Coroados — Pastor Dr. Aldinger .....	16
Informações biográficas .....	19
Aconteceu — Novembro e Dezembro de 1988 .....	20
Comunidade Católica de Santa Isabel — Garcia — Notas — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	23
A história de Ibirama na correspondência dos Imigrantes .....	27
Fato Curioso na história da "Volksverein" (soc. Popular) — Karl Hordina .....	28
Correção de uma informação — Redação .....	28
Os imigrantes alemães no Brasil e considerações de Vieira da Rosa	29
A luta de Brusque pelo sonhado ramal Ferroviário .....	31
Rápidas Biografias de personalidades de nossa história (Biografia de José Deeke e Emma Deeke) .....	32
Aspectos da reserva indígena de Ibirama e uma excursão cheia de surpresas — Emma Deeke .....	34
Subsídio à história da "Escola Nova" de Blumenau — Frederico Kilian .....	44
KRAICHGAU — Berço dos Badenses de Brusque — João Carlos Mosimann .....	46
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	50
Comunidade Católica de Pomerode — Notas II — Pe. Antônio Bohn .....	53
1º. Simpósio Cultural Brasil-Polônia — Maria do Carmo R. K. Goulart .....	56
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	59
"Uma Colônia Regredindo" .....	61
Aconteceu — Janeiro de 1989 .....	62
Prefeito Kleinubing visita a Fundação — Redação .....	64
Escolas no século passado — Frederico Kilian .....	66
Prefeito Kleinubing reúne-se com o Conselho Curador — Redação	67



Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	68
Carnaval Alemão — Marita Deeke Sasse .....	70
1869-1989: 120 anos de imigração Polonesa · Maria do Carmo R. K. Goulart .....	77
Figuras do Passado — Otto Stutzer — Frederico Kilian .....	79
Subsídios Históricos — coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	80
Cem anos de música em Nova Trento — Humberto Tomasini .....	82
Imigrantes de Karlsdorf — Neuthard — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	84
Aconteceu — Fevereiro de 1989 .....	87
Leis que regulamentaram a distribuição de terras na Colônia — Extraído do Livro Terras e Colonização .....	89
Rápidas biografias de personalidades de nossa história (Biografia de: Johan Friedrich Georg Ernest Niemeyer e Ida Knoll) ..	91
Escolas e suas dificuldades na 2ª. década do século .....	91
Figuras do Presente — Bodas de Diamante do Casal Garni — José Gonçalves .....	92
Blumenau — Algumas notas históricas — José Boiteux .....	94
Fechamento de Escolas — Extraído do “Der Urwaldsbote” .....	95
Museu de Informática já está exposto na Biblioteca — Redação ..	96
Livros alemães oficialmente entregues à Biblioteca — Redação ..	96
A histórica construção de um poço .....	96
O novo governo do Município de Blumenau — Frederico Kilian ..	98
O primeiro julgamento por crime em Blumenau .....	99
O cinquentenário do 23º. BI — Sueli M. V. Petry .....	100
Carnaval Alemão (2ª. parte — Conclusão) — Marita Deeke Sasse	103
Três partituras — 28º. livro de Marcos Konder Reis .....	110
O problema de alojamento de imigrantes que aportavam em Blumenau na década de 1880 .....	111
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	112
Sérias críticas ao Presidente da Província .....	114
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil .....	115
1869-1989: 120 anos de imigração Polonesa — Maria do Carmo R. K. Goulart .....	118
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	119
Ainda em evidência o Presidente Gama Rosa .....	120
“Uma Colônia Anarquista” .....	121
Provisão de criação da Paróquia de São Paulo Apóstolo — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	122



Natal Folclórico — Frei J. Crisóstomo Arns .....	125
Etevoldo da Silva é vice-presidente da Imprensa Paranaense — Redação .....	126
A indústria de laticínios de Santa Catarina — Jorge Hardt .....	128
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	131
A pacificação dos índios Botocudos — De o Jornal "A Verdade" ..	133
Vasculhando velhos arquivos — Frederico Kilian .....	143
A Colônia Brusque, anteriormente Itajaí — Maria do Carmo R. K. Goulart .....	144
Subsídios históricos — coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	146
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no Sul do Brasil — (Continuação) .....	148
No Planalto Lageano: A vela oratório apagou-se... — Frei Cri- sóstomo Arns .....	153
Aconteceu — Março e Abril de 1989 .....	155
"Dos Primeiros dias de Blumenau" — Karl Kleine .....	160
Congratulações que nos honram e incentivam — Redação .....	166
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	167
Registros de Tombo anotados pelo Pe. Jacobs — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	169
Brusque — Maria do Carmo R. K. Goulart .....	173
Subsídios Históricos — coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	174
Dias das Mães (Poesia) — Nestor Seára Heusi .....	175
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no Sul do Brasil — (Continuação) .....	176
Cruz e Souza, o poeta negro — Elly Herkenhoff .....	178
Biblioteca Pública de Blumenau lembrando datas e promovendo concursos — Redação .....	180
Aconteceu — Maio de 1989 .....	181
Sobre o caráter alemão no Sul do Brasil (Colonização/Imigração)	183
Um lançamento de livro com manifestações culturais — Redação	190
Biografia do Imigrante João Reitz (1799-1890) — Raulino Reitz ..	192
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	195
Armadilha histórica em Gaspar — Frei Elzeário Deschamps Schmitt, OFM .....	196
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	208
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil — (Continuação) .....	211
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Ter-	



mos do Livro de Tombo (II) — Pe. Antônio Francisca Bohn	214
Sobre o caráter alemão no sul do Brasil (Colonização/Imigração)	
conclusão do n.º anterior .....	216
Aconteceu — Junho de 1989 .....	218
Comissão criada para estudar a preservação do patrimônio ....	221
Conselho curador da Fundação foi empossado — Redação ....	222
A reforma pública do Ensino — trad. de Edith Sophia Eimer	224
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff ....	226
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Ter-	
mo do Livro de Tombo (III) — Pe. Antônio Francisco Bohn	227
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	230
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de	
laticínios no sul do Brasil — (Continuação) .....	233
Breve relato histórico da Colônia São Pedro de Alcântara através	
de uma carta escrita pelo seu ex-Fároco Padre Jacob Pies	
— Rauino Reitz .....	235
A criação de ovinos em Blumenau — Extraído do “Blumenauer	
Zeitung” .....	239
As pragas de ratos que assolavam a Colônia — Extraído do “Blu-	
menauer Zeitung” .....	241
Polêmica na imprensa da Colônia — Extraído do “Blumenauer	
Zeitung” .....	243
O Visconde de Taunay critica o Ministro da Agricultura (Colo-	
nização/Imigração) — Extraído do “Blumenauer Zeitung” ..	245
Aconteceu — Julho de 1989 .....	250
Prefeitos de Blumenau nomeados em 1941 — Extraídos do “Der	
Urwaldsbote, .....	252
Justiça/Júri no começo do século .....	253
O tão querido e sempre novo capítulo do casamento: — Maria do	
Carmo R. K. Goulart .....	256
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff ....	263
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Ter-	
mo do livro de Tombo (VII) — Pe. Antônio Francisco Bohn	264
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de	
laticínios no sul do Brasil — (Continuação) .....	266
Breve relato histórico da Colônia São Pedro de Alcântara através	
A Biblioteca “Dr. Fritz Müller” e seu grande serviço à comunida-	
de — Redação .....	268
Um exemplo de Tenacidade imbatível (O memorável dia 2 de se-	
tembro de 1850) — José Gonçalves .....	269
Ocorrências ligadas com a construção em 1914, da Usina de Ele-	
tricidade de Salto Weissbach — Extraído do “Blumenauer	



"Zeitung" .....	271
Camburiú e não Camboriú — Hermes Justino Patrianova .....	273
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	275
A ação social do Sindicato de Fiação e Tecelagem de Blumenau, de 1941 a 1950 .....	278
Aconteceu — Agosto de 1989 .....	283
RBS homenageia os amigos da Comunidade, edição 1989 — Re- dação .....	286
DDR Comemora 40 anos com exposição em Blumenau — José Gonçalves .....	288
O Rio Itajaí é o Rio de Jaó de Pedra — Não é o Rio de nenhuma Aroídea — Hermes Justino Patrianova .....	289
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	291
A Imigração e a questão da colonização alemã no Sul do Brasil — (Colonização/Imigração) — Dr. Wilhelm Breitenbach — Trad. de Edith S. Eimer .....	294
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Ter- mos do Livro de Tombo (IV) — Pe. Antônio Francisco Bohn	304
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff ....	306
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil — (Continuação) .....	307
Valorização do idioma alemão — Extraído do "Der Urwaldsbote"	309
Figura do Presente — Oscar Gustavo Krieger — 80 anos — Mui- tas Lutas — Redação .....	312
Família Schroeder — Marcos Schroeder .....	313
Aconteceu — Setembro de 1989 .....	315
Conselho curador se reúne e toma importantes decisões — Re- dação .....	318
A História da Usina do Salto .....	320
Ytupava .....	323
A Mulher - Personagem chave da Literatura da Imigração alemã em Santa Catarina .....	325
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil .....	329
Subsídios Históricos .....	331
Autores Catarinenses .....	332
A tragédia de Louise Eberwein .....	335
As primeiras paróquias de Itajaí, Gaspar, Brusque e Blumenau ..	356
De volta a São Pedro de Alcântara .....	365
Aconteceu... — Outubro — 1989 .....	378
Aconteceu... — Novembro 1989 .....	381
Dois autores beneficiados com a Lei 7.505 .....	383
Conselho Curador se reúne para ouvir o Secretário do Planeja- mento .....	383
Nossa Mensagem .....	384



# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,  
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

## INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edite Gaertner"  
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"  
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Nestor Seara Heusi — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves



MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISetas E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering  
BLUMENAU - SANTA CATARINA